O CAMPEÃO DAS PROVINCIAS

ANNO XLIII | **Assignaturas:** SEM ESTAMPILHA: Anno, 4$000 réis; Semestre, 2$000 réis; Trimestre, 1$000 réis; Avulso, 40 réis. COM ESTAMPILHA: Anno, 4$500 réis; Semestre, 2$250 réis; Trimestre, 1$125 réis; Avulso, 45 réis.—Pagamento adeantado. | PUBLICA-SE AS QUARTAS E SABBADOS | QUARTA-FEIRA 6 DE DEZEMBRO DE 1893 | **Publicações:** Correspondencias particulares, 40 réis por cada linha, no typo commum do jornal Annuncios, 30 réis por linha; Repetições, 20 réis, accrescendo o imposto do sêllo.—Recebem-se annuncios annuaes, mediante contracto especial. | NUMERO 4:321

E' um dos nossos correspondent r em Pariz **Monsieur A. Lorette.**—Rua Caumartin, 61.

SUMMARIO: — A El-Rei.—O que fará o poder moderador?—Partido progressista.—Movimento politico.—Barra d'Aveiro.—O Almanack d'Anadia.—Noticias do estrangeiro.—Carta de Lisboa.—Noticiario.—Burla eleitoral.—Processo Urbino.—Carta do Eminentissimo Senhor Cardial Patriarcha ao Ex.mo e Rev.mo Arcebispo d'Evora.—A Falperra.—Folhetim: Magdalena.—Carta de Vagos.—Noticias diversas.—Secção litteraria.—Bibliotheca Historico-Politica.

AVEIRO

A EL-REI

Temos diante de nós um quadro verdadeiramente lugubre e sinistro.

A reacção, que se apoderou do poder, vae arrastando na onda o brio e o decoro nacional, o prestigio e o valor das instituições, apregoando-se já senhora dos acontecimentos, arbitra suprema dos destinos da nação, dos homens e das coisas, dictando a lei a seu sabor, em conformidade das suas tendencias e dos seus caprichos, ateando a guerra em toda a parte, levando a toda a parte o grito da revolta, o grito da desordem, o grito da destruição, o grito do exterminio, emfim.

Estamos assistindo á transformação rapida de tudo isto.

Deshonra-se a liberdade em holocausto aos principios desmoralisadores da politica mesquinha. Insulta-se o codigo fundamental da monarchia ao infringir-se claramente a constituição. Sacrifica-se o credito do paiz negociando-se verdadeiras atrocidades. Arrasta-se o nome portuguez nas praças estrangeiras pelas ruas da amargura e do martyrio. Tripudia-se sobre as necessidades publicas para as despezas eleitoraes, em que a audacia dos janizaros da auctoridade excederão a tyrannia que tornou memoravel a lucta politica do anno passado, capitaneada pelo sr. Dias Ferreira.

E para desdouro eterno d'uma situação qua se perdeu já no conceito publico, vae decretar-se a dissolução das camaras, vae recompôr-se o gabinete, cuja orientação politica obedecerá eternamente aos auctoritarios designios do sr. ministro do reino, que é a alma damnada d'elle, a proceder acto continuo a eleições, lançando-nos no abysmo, depois de nos ter feito passar por todos os horrores d'uma guerra sem treguas e sem quartel, que será como o facho de incendio no meio de todas as angustias porque vamos passando.

«Calem-se, diz o governo, porque caminhámos muito para que possamos voltar para traz agora!»

Isto é simplesmente assombroso de audacia, mas diz o bastante para se aquilatarem das intenções da situação, que depois de esmagar a liberdade ahi está a escarnecer abertamente o paiz.

Ora isto não pode ser. O que os ministros da corôa estão fazendo é compromettêl-a gravissimamente. Por sua honra, por honra do paiz, por honra de todos nós, el-rei não lhe poderá permittir a dissolução. Confiamos do tino e do bom senso do monarcha que o não fará. E não o fará decerto. Mas não terá que queixar-se se não de si se por ventura se desviar dos seus deveres constitucionaes para subscrever ás exigencias dos seus ministros.

O QUE FARÁ O PODER MODERADOR?

A attitude energica e decisiva do partido progressista em face dos acontecimentos demonstra-a abertamente o auctorisado orgão do partido *O Correio da Noite*, que publicou hontem o seguinte artigo:

Está resolvida a dissolução, segundo affirmam os amigos do governo. O rei já se comprometteu a concede-la. Ainda não foi ouvido o conselho d'estado, mas é o mesmo. Isso é pura formalidade. O rei é sabio e justo. Não precisa de conselhos. Bastam-lhe os dos seus ministros. O rei é inviolavel e sagrado, e não está sujeito a responsabilidade alguma. A responsabilidade dos ministros não é exequivel porque não ha lei que a regule, e ainda que a houvesse, não haveria camara que a discutisse. A camara vão elegel-a os ministros n'essa grande comedia do suffragio eleitoral, em que o governo vae fingir que consulta a nação, e a galopinagem official e officiosa vae responder em nome da nação á consulta do governo! Como tudo isto seria ridiculo, se não fosse tão triste!

*

O governo procurou corromper o chefe do partido progressista. Offereceu-lhe a actual representação politica do seu partido nas camaras. Affirmou-lhe que a dissolução não era contra os progressistas. Disse-lhe que pelo contrario os seus desejos eram proceder ás eleições em pleno accordo com elles, e que apenas desejava *definir a sua situação partidaria* e preparar a nossa successão ao poder, logo que os ministros actuaes déssem por terminada a sua tarefa. As declarações ministeriaes foram affectuosas, terminantes, effusivas, quasi ternas. Deviam assemelhar-se ás que, em vesperas das eleições do anno passado, os caudilhos regeneradores juravam ao sr. Dias Ferreira no seu gabinete do ministerio do reino. Tão sinceras e tão cordeaes umas como outras!

Pois bem. O chefe do partido progressista recusou tudo e tudo recusará. Regeitou a paz que o chefe do governo e o sr. ministro do reino bizarramente lhe offereceram, e preferiu ser vencido com a constituição, e com os principios liberaes, a acceitar o commodo e lucrativo pacto, que lhe propunham. Caturrices de um velho e tonto democrata, dos tempos em que o regimen constitucional era uma cousa seria, e não andava por ahi envergonhado e arrastado desde a inconstitucional dissolução da camara de 1890, que nem chegou a constituir-se, até á dissolução inconstitucionalissima da camara de 1893, que funccionava em perfeito accordo com todos os poderes do estado!

Parece loucura este afêrro do chefe progressista aos principios, que formavam a formosa lenda da nossa primeira geração liberal! Velharias tudo isso! Que os Passos, os Loulés, os Braamcamps e tantos outros, que com a palavra e com o exemplo, com o sangue e com a penna, fundaram n'esta boa terra portugueza o governo representativo, venerassem, como santos e inviolaveis, esses dogmas da sua crença politica, isso percebe-se, porque eram outros os tempos. Os homens eram de aço, como as suas consciencias. Hoje as consciencias são flexiveis e accommodaticias, como... os accordos entre os politicos militantes. Tudo mudou. Hoje todos se entendem, todos se conciliam e accommodam. Só não quer conciliar-se nem accordar-se o chefe progressista!

Que deploravel obsecação!

Mas o governo não desanimou. Deixou o chefe do partido progressista, que não poude convencer, e foi ao paço. Alli parece que foi mais feliz. Procurou o poder moderador e pediu-lhe que lhe entregasse para seu uso a *chave* da organisação politica do reino, que o artigo 71.° da Carta Constitucional lhe confiou para guardar *incessantemente a independencia, equilibrio, e harmonia dos mais poderes politicos.* Conforme referem as folhas bem informadas, o poder moderador, vencidos os seus naturaes escrupulos, entregou-lhe a chave com que vae fechar o palacio das côrtes, e abrir a porta das assembléas eleitoraes. O governo exultou. A victoria é sua, embora caia o ultimo farrapo da constituição. Os ministros triumpham. O poder moderador está com elles. Haja gaudio em todo o reino e viva a galopinagem official e officiosa!

*

Estamos salvos. Ha fome por essas provincias, a agricultura soffre, o trabalho escasseia, faltam os principaes generos da nossa producção, de toda a parte se pedem providencias aos poderes publicos?!... Que importa isso? Que importa isso? O governo vae fazer eleições!

Estâmos salvos. O nosso descredito é cada vez maior. O nosso nome anda arrastado e coberto de injurias nas praças estrangeiras. Somos lá fóra assumpto do despreso e do escarneo geral. Dos nossos governos escreve-se nas revistas financeiras mais acreditadas que *estão podres até á medulla dos ossos.* Os nossos homens publicos são tratados como bandidos. Pede-se a intervenção da Europa, para pôr cobro ás nossas *piratarias.* Estamos abaixo da Turquia. Somos a irrisão do mundo civilisado. Todos nos cospem desdens e affrontas e ninguem nos defende.

Todos se arredam de nós, como de uma nação perdida. Não vivemos: agonisamos. Mas que importa isso? O nosso governo vae fazer eleições! Estamos salvos. Depois de dolorosos sacrificios, temos ainda um grande *deficit.* Os impostos recentemente votados pela mesma camara que vae ser dissolvida, não se cobram, porque se temem as resistencias dos contribuintes. Os ultimos esbanjamentos do governo, as prodigalidades da junta do credito publico, do caminho de ferro e das manobras, foram um insulto á miseria e infortunio da nação. E' preciso apertar mais a rede tributaria, e todavia o descontentamento publico cresce, cresce por tal maneira que todos tremem e se arreceiam do dia de ámanhã. Mas que vale e que importa o estado do reino, ou a pobreza do thesouro a quem quer e precisa fazer eleições para *definir a sua situação partidaria?*

*

Fallemos seriamente. Isto não póde ser. Não póde porque, se ha loucos que brincam com os destinos da nação, não póde haver monarcha constitucional que associe as suas responsabilidades moraes aos pequenos manejos e ás mysteriosas combinações da politica partidaria. O governo passa, e o rei fica. O descredito do governo é reparavel. O desprestigio do rei seria uma perda nacional. Por isso todos perguntam: o que fará o poder moderador? Deixar-se-ha illudir pelos seus ministros, ou escutará as inspirações da sua consciencia, e a grande voz da nação, que por todos os orgãos da opinião imparcial lhe está aconselhando a que não viole o seu juramento de fidelidade á constituição do reino?

Deus illumine o chefe do estado.

Partido Progressista

AOS NOSSOS CORRELIGIONARIOS

São prevenidos todos os centros do partido progressista, para que designem os seus delegados á assembléa geral do partido que se deve reunir em Lisboa, se fôr decretada a dissolução da camara dos deputados. Os delegados devem ir auctorisados a resolverem sobre todas as questões, que interessem á existencia e attitude do partido, na grave conjunctura que o paiz atravessa. O dia da reunião será opportunamente designado.

Movimento politico

O Porto agita-se, porque alli os principios são tudo. Sobre o assumpto o nosso collega do *Janeiro* escreve no seu n.° de hoje o seguinte:

«O PARTIDO PROGRESSISTA DO PORTO

Em virtude da circular dirigida pelo nobre chefe do partido progressista, sr. conselheiro José Luciano de Castro, a todos os centros da provincia, reuniu-se hontem a commissão executiva do mesmo partido no Porto. A respeito das deliberações tomadas n'essa reunião, informam-nos de que ellas incidem sobre o seguinte:

a) Convocar para breve, uma reunião dos chefes de freguezia, ou sejam os presidentes das commissões eleitoraes, afim de lhes ser lida a circular do nobre chefe do partido;

b) Deliberar sobre a linha de conducta a seguir na actual conjunctura do partido;

c) Convocar-se a assembleia geral do partido progressista do Porto (que se effectuará, como as que tenham de se lhe seguir, na rua do Laranjal n.° 135), para serem expostas as resoluções das commissões executiva e de freguezias e proceder-se á nomeação da commissão que terá de ir a Lisboa representar o centro portuense na região magna do partido, que alli se realisará, caso seja decretada a dissolução do parlamento.

Ao que nos consta, por informes de segura origem, os chefes do partido progressista do Porto, que reprovam a dissolução das côrtes, aconselharão os seus correligionarios politicos a que se abstenham de entrar na lucta eleitoral que provavelmente se iniciará.»

E' esta a opinião dos nossos amigos do Porto e será a do partido progressista de todo o paiz.

Desde que, para a corôa, o unico partido politico d'estes reinos, é o partido regenerador, o modo de proceder da nossa agrupação deverá ser o que o Porto estabelece. Abstenção completa do acto eleitoral.

Barra de Aveiro

Por iniciativa do nosso presado amigo e distincto escriptor, sr. dr. Mello Freitas, anda-se assignando uma mensagem de congratulação, que deverá ser enviada ao illustre ministro das obras publicas, sr. conselheiro Bernardino Machado, agradecendo-lhe assim a cidade a vinda da draga e a creação da escola industrial.

Pela nossa parte louvamos com satisfação a lembrança do sr. dr. Mello Freitas, que, obedecendo apenas ao generoso cumprimento d'um dever, é um acto de verdadeira justiça.

O sr. conselheiro Bernardino Machado cumpriu a sua promessa, e prestou á nossa terra um dos mais relevantes serviços que poderia prestar-lhe. E' a satisfação d'uma divida, a mensagem que vae ser enviada a s. ex.ª, e que sinceramente nos associamos.

O Almanack d'Anadia

Um collega nosso, fallando d'esta interessante publicação, escreve:

Este interessante almanack foi-nos enviado pelo sr. Hermano José Ferreira da Costa, activo, intelligente e zeloso escrivão de fazenda, que foi n'este concelho, e actualmente no da Anadia, a quem deveras agradecemos. Abrilhanta esse almanack o retrato do sr. Conselheiro José Luciano de Castro e acompanha-o uma biographia de s. ex.ª, e isto basta para recommendar a obra. Além de isso, é magnificamente collaborado, o que torna o livro mais attrahente. Tambem traz uma secção de receitas de grande utilidade e outra d'annuncios. O illustre auctor d'este almanack, em phrase alevantada, faz a apologia do merito do sr. conselheiro José Luciano de Castro, mas sem exagerar, porque toda a gente sabe no recanto mais longinquo do paiz, que este distinctissimo jurisconsulto, este estadista scientifico que abrilhantou com assombro o parlamento portuguez já como deputado e já como ministro, este nobre chefe do partido progressista, este vulto de nobreza que engrandece a sua patria—é sem duvida um dos homens mais importantes do nosso paiz. E para prova do que deixamos dito, vejamos agora o que diz a biographia do referido almanack:

«José Luciano de Castro, nasceu na Oliveirinha, a 14 de dezembro de 1834. E' filho de Francisco Joaquim de Castro Corte-Real e de D. Maria Augusta da Silva Manezes. Seu avô, o capitão-mor João de Castro Corte-Real, foi um dos mais illustres e queridos fidalgos que ennobreceram a sua epoca. José Luciano de Castro, nasceu quando pelos valles e outeiros resoava estridente o grito da liberdade. Apenas poude manejar a penna, os seus primeiros artigos foram arreigadamente liberaes e preconisadores de um constitucionalismo convicto. Foi educado com esmero. Nas áulas era muito considerado, já pela vocação excepcional que mostrava para as lettras, já pela sua intelligencia, que a passos largos fazia progressos extraordinarios, e ainda mesmo porque as suas lições eram desenvolvidas supérnamente e com geral espanto do curso e do professor. Foi assim que se formou em direito.

Na legislatura de 1854, foi eleito deputado pelo circulo da Feira, circulo que lhe foi cedido pelo saudoso doutor Alexandre de Seabra, com auctorisação do grande tribuno José Estevam, que n'esse tempo superintendia os trabalhos eleitoraes do districto de Aveiro. Logo que tomou assento nas camaras o seu nome, passando de boca em boca, espalhou-se de tal forma no paiz, que dentro em pouco era conhecido como um orador distincto, cuja palavra fluente, sincera e vibrante, cheia de patriotismo e altivez, tinha o dom de catequizar os adversarios, forçando os a reconhecer como verdadeiras as suas doutrinas. Subiu pela primeira vez ao poder, occupando a pasta da justiça, em 1869, pasta que geriu dignamente sem merecer censura nem admoestações. Reorganisou sabiamente todos os serviços judiciaes e mostrou os recursos de que podia dispor como habil estadista e financeiro.

No ministerio presidido por Anselmo José Braamcamp, de 1879 a 1881, occupou o cargo de ministro do reino. Quando Braamcamp falleceu, o partido progressista acclamou por unanimidade seu chefe o sr. José Luciano como prova de alta consideração e confiança. Com a queda do governo presidido por Fontes em 1886, organisou o sr. José Luciano ministerio com gente do seu partido, occupando elle as pastas da presidencia do conselho e ministro do reino. Esse menisterio sofreu algumas modificações com a entrada e saida d'alguns ministros e pediu a demissão em 11 de janeiro de 1890 em virtude do *ultimatum* inglez.

O sr. José Luciano de Castro é Grão-Cruz da Torre e Espada e Cavalleiro da Ordem de S. Mauricio e S. Lazaro de Italia. E' director dos Proprios Nacionaes e Governador do Banco Hipotecario. E' ministro de Estado honorario, e do conselho de Sua Magestade e é par do reino vitalicio. Como escriptor não apreciaremos sua ex.ª.

Todos sabem sobejamente que elle collaborou em differentes jornaes politicos e litterarios e que foi o fundador do *Correio da Noite*, um dos periodicos de mais larga publicidade, e do *Direito*, a melhor revista de jurisprudencia do nosso paiz. Tem algumas obras de incontestavel merecimento, tanto de jurisprudencia como de economia social e politica».

NOTICIAS DO ESTRANGEIRO

Nada importante—nada resolvente nem de Melilla nem do Rio de Janeiro. Tudo permanece na duvida do modo porque terminarão as contendas armadas que n'aquelles pontos se agitam. O ultimo telegramma de Hespanha diz o seguinte:

Madrid, 5.—Os telegrammas de Melilla continuam a annunciar que não tem occorrido alli acontecimento algum de importancia. As obras do forte Aguariach proseguem com actividade, sendo defendidas por numerosas forças. Os mouros não têem deixado a sua attitude pacifica. A opinião dos militares é favoravel á determinação da zona neutral que elles consideram sua. Martinez Campos sente-se mal de uma perna.—(*Tel. part*).

CARTA DE LISBOA

5 DE DEZEMBRO DE 1893.

Assumpto de todas as palestras é o que, no momento politico que se está passando—momento que é seguramente dos mais graves que temos atravessado—embora se pense o contrario.

O illustre chefe do partido progressista escreveu a El-Rei expondo-lhe fielmente o estado da questão e dizendo-lhe, que a agrupação a que preside tinha de tomar resoluções graves, se por acaso a corôa obtemperasse aos desejos dos seus actuaes ministros. El-Rei, como era de esperar, respondeu logo ao seu antigo ministro, parece que dizendo-lhe, que seguiria o que o seu conselho lhe indicasse. O conselho reune-se effectivamente na quinta-feira proxima e ahi terá solução a pendencia. Se vota pela dissolução, o gabinete conserva-se; se vota contra, o governo cáe. Mas a maioria do conselho d'Estado como votará? E' n'isto que está o ponto. Aventam uns que a maioria é contraria ao acto; aventam outros que lhe será favoravel. O desengano d'uns e outros não está distante de realisar-se. Regular seria que a maioria votasse contra, mas poderá isto succeder quando no conselho ha criados d'El-Rei e pessoas que votam conforme as suas conveniencias de momento? Até n'isto a anciedade se patenteia. Seja qual for a resolução, o que é certo, e mais que certo, incontestavel, é que estamos nas vesperas de grandes acontecimentos politicos.

No paço das Necessidades e por conseguinte na companhia d'El-Rei está seu augusto sogro, o sr. conde de Pariz, que lhe aconselhará o melhor caminho a seguir.

— No momento em que escrevo estão em conferencia os srs. presidente do conselho e Luciano de Castro em casa d'este cavalheiro, na rua dos Navegantes. Parece que a carta do honrado chefe do partido progressista produziu no animo d'El-Rei notavel effeito. A situação apresenta-se escura para o governo, que não pode nem deve julgar-se, no momento actual, em leito de rosas.

— O sr. presidente do conselho teve hoje visita do representante de Inglaterra, que o deixou pouco satisfeito. A conferencia entre os dois não foi dilatada, mas corre que foi importante pelo facto que a determinou—a questão de credito.

— O sr. infante D. Affonso parte proximamente para o Algarve, com o fim de completar alli o seu restabelecimento. Sua alteza vae muito bem, e já tem dado passeios de carruagem.

— O sr. ministro da guerra continua doente, e está-o gravemente o sr. procurador regio. Em compensação está restabelecido o sr. ministro das justiças, que já hontem esteve na sua secretaria.

— O nosso correligionario e amigo, sr. Francisco d'Almeida e Brito, continua a restabelecer-se, o que é motivo de prazer para os seus amigos.

— Continuam a chegar governadores civis. Agora estão em Lisboa os de Bragança e Portalegre. E' um movimento continuo o d'estes agentes eleitoraes.

— Chegou de Braga, vindo restabelecer-se para casa de seu pae o sr. conselheiro Joaquim Germano de Sequeira, juiz da relação de Lisboa, a sr.ª D. Belmira Graziella Sequeira Sottomayor, esposa do honrado juiz de direito da Povoa de Varzim, sr. Agostinho Barbosa Sottomayor. Que s. ex.ª se restabeleça n'este bom clima de Lisboa, é o que muito desejam os respeitadores do seu elevado caracter e os verdadeiros amigos de seu bom esposo.

— O illustre poeta Luiz Augusto Palmeirim não é já do numero dos vivos. Foi o extincto uma das individualidades mais consagradas e apreciadas da poesia portugueza e que, ao expirar, deixa aos seus um nome illustre e respeitado, e á litteratura patria uma obra de valor trabalhada em muitos annos de actividade. Luiz Augusto Palmeirim, o poeta popular do *Guerrilheiro*, o trovador politico da Patuleia, foi um dos escriptores mais originaes da sua epoca. A morte do illustre escriptor é muito sentida e com fundada razão.

— O sr. Jayme Batalha Reis, um dos nossos mais notaveis agronomicos, vae realisar conferencias publicas, em diversas terras do reino, expondo aos viticultores os meios e os processos de poderem enviar os seus productos aos mercados inglezes.

— O sr. Elyzeu de Serpa, muito digno director geral da fiscalisação, está ha dias incommodado e não tem ido por isso á sua repartição.

— Continua a affirmar-se que o novo contrato para as obras do porto de Lisboa será assignado por estes dias, sendo ainda ministro o sr. Bernardino Machado. Entende-se que o favorecido com o novo contrato é mr. Hersent, que já *chegou a Lisboa.*

— O supremo tribunal administrativo, na sua ultima sessão, concedeu provimento aos seguintes recursos:

N.° 8:696, recorrente o delegado do procurador regio na comarca de Fafe e recorrida a camara municipal do concelho; n.° 9:145, recorrente o escrivão de fazenda de Thomar, recorrido José Mathias de Araujo.

Negou provimento aos recursos n.os 9:149, 9:155 e 9:159, recorrente o agente do ministerio publico na comarca de Armamar e recorridos Manuel dos Santos Correia Junior, Antonio Custodio Fernandes e Manuel dos Santos Monteiro, todos de Mondim.

Rejeitou o recurso n.° 9:092, em que era recorrente a camara municipal da Figueira da Fóz e recorrido Francisco da Costa Ramos.

Presidiu á sessão o sr. conselheiro José Luciano de Castro.

— Parece que já se não vendem os navios da Mala Real, pois que ha o pensamento de reconstituir a Companhia. O desejo geral é de que isso se consiga.

— Assignou-se na secretaria da marinha, o contracto provisorio entre o governo e o sr. Abrahão Bensaude, para o serviço de navegação por barcos de vapor entre Lisboa e as ilhas da Madeira e Açores, e entre as ilhas da Madeira e Porto Santo. A empreza realisará em cada mez duas viagens redondas de ida e volta, a primeira com escalas por S. Miguel, Terceira, Graciosa, S. Jorge, Fayal e Flores, e a segunda com escalas pela Madeira, Santa Maria, S. Miguel, Terceira, Graciosa, S. Jorge e Fayal. No regresso, manter-se-hão as mesmas escalas. Em cada tres mezes a primeira viagem terá mais a escala do Corvo, com a obrigação de voltar á ilha das Flores, ou de continuar as escalas de modo que a correspondencia d'aquella ilha seja expedida para esta.

— A policia de Lisboa trata de descobrir o paradeiro de tres individuos que no mez findo assassinaram em Celorico da Beira um individuo de nome Antonio Martins. Os nomes e signaes dos tres criminosos são: Manuel Diogo, de 19 annos, jornaleiro; é alto, delgado, tem rosto claro. Os dentes da frente são grandes e raros, os olhos claros, e o cabello castanho claro. Veste fato de saragoça, usa faixa preta, jaqueta curta, calças á bocca de sino e chapeu branco redondo. Bernardino Marques, tambem de 19 annos, jornaleiro. E' alto, tem o rosto e a fronte larga, côr trigueira, pouca barba, olhos rasgados, bocca grande; labios grossos, cabellos pretos e nariz achatado. Veste tambem de saragoça preta e usa chapeu preto redondo ou barrete azul. Manuel Marques, de 22 annos. Tem rosto redondo, picado de bexigas, pouca barba e cabello castanho escuro. Tambem veste de saragoça grossa côr de pinhão e usa chapeu preto redondo.

— Continua a fallar-se na sahida proxima do sr. ministro das obras publicas, dizendo se mesmo que está já a encerrar o seu testamento.

— Triunfaram emfim os esforços do nosso collega *Correio da Tarde*. O *Diario do Governo* deve publicar ámanhã o programma do concurso para o arrendamento da fabrica de vidros da Marinha Grande.

— A Companhia Real dos Caminhos de Ferro mandou hoje para a Caixa Geral dos Depositos 650:000$000 réis.

— Está reunido o conselho de ministros, sendo assumpto principal o novo contracto das obras do porto de Lisboa, cujo plano geral ficou esta tarde esboçado pelos srs. ministros das obras publicas e da fazenda com o sr. Hersent. O contracto só poderá ir á assignatura na outra quinta-feira, se fôr. O conselho acabará muito tarde, porque tambem muito tarde reuniu, sendo alli definitivamente combinado o dia da reunião do conselho de Estado; todos hoje diziam que será quinta-feira, mas é positivo que essa combinação definitiva só alli será feita esta noute.

Y.

NOTICIARIO

Notas da carteira.—Passou hontem o anniversario natalicio da sr.ª D. Alzira Marques Gomes, presada filha do nosso bom amigo e erudito collaborador, sr. Marques Gomes, a quem felicitamos jubilosamente.

— Tivemos hontem o prazer de vermos aqui o nosso estimavel amigo, o sr. Camillo de Bittencourt, digno pagador dos caminhos de ferro, e cavalheiro muito querido pela nobreza do seu caracter.

Anniversario de um homem notavel.—O sr. visconde de Seabra entrou no seu 95.° anniversario. Quasi toda a imprensa saudou o eminente jurisconsulto, o primeiro de toda a corrente historica na sciencia do direito em Portugal, que completou, no goso da melhor saude, os seus 95 annos de edade. Tudo faz prever que irá muito além do seculo, embóra a sua larga vida de homem publico, trabalhosa e difficil, fosse por vezes cortada de desgostos e injustiças. Parece que alguns jurisconsultos aventaram já a ideia, ideia justissima, de celebrar o centenario do sabio auctor do Codigo Civil—a gloria immorredoura do seu nome.

Azylo Escola Districtal.—A distribuição dos premios aos alumnos do *Azylo Escola Districtal*, instituição a que o activo vereador, sr. dr. Alvaro de Moura, consagra toda a sua decidida vontade e toda a sua inexcedivel dedicação, não se realisará no edificio do Azylo, como outro dia dissémos, mas sim na casa da Camara, que será convenientemente engalanada, abrindo em sessão solemne, para que haverá convites ás pessoas mais distinctas da nossa terra.

Louvámos a lembrança, que é deveras acertada, e a iniciativa do sr. dr. Alvaro de Moura, que dedicou áquella sympathica e utilissima casa de ensino um affecto verdadeiramente paternal.

Commissão regional de agricultura.—Sob a presidencia do sr. governador civil, reuniu hoje a commissão regional de agricultura d'Aveiro, comparecendo todos os seus membros e ficando definitivamente installada.

Patifarias de Vagos.—Depois do que nos communicou o nosso solicito correspondente d'aquelle concelho, sobre a eleição da Misericordia d'alli, soubemos que se espalhou n'esta cidade, que o vencimento fóra de 5 votos! Procurámos indagar o que havia a tal respeito, e effectivamente assim foi, mas porque falsificaram as actas! Nada nos admira, attento o caracter do auctor de taes façanhas, mas já se diz que vae haver procedimento criminal contra os falsificadores.

Transferencias. — O nosso amigo, o sr. Julio Martins de Seabra, digno escrivão de fazenda, em virtude de ter sido attendida a sua justa reclamação, passou do concelho de Ovar, terceira ordem, para o concelho de Ceia, que pertence á segunda, e para onde vae partir. Para aquelle concelho, vem o escrivão de fazenda de S. João de Areias.

Touristes. — No domingo veio a esta cidads uma *troupe* de inglezes, que andaram por aqui passeando e tirando photographias dos pontos mais pittorescos.

Exportação.—Já começou a da laranja, d'esta cidade para os portos da Inglaterra.

Commercio. — Chegou ao nosso porto, vindo do Algarve, um navio com carregamento de figo.

Pára-raios.—Nos edificios da Caixa Economica d'Aveiro e Lyceu d'esta cidade, anda-se procedendo á montagem de pára-raios.

Frio.—E' intensissimo, o que tem feito n'estes dias e continua a fazer-se sentir, pela manhã principalmente, pois sopra sempre um vento de arripiar, que parece trazer comsigo toda a neve d'este mundo.

Julgamento.—Foram julgados ante-hontem, em processo correccional, no tribunal d'esta cidade, um gatuno, que roubou na feira da Ermida, uma carteira, a um individuo, sendo condemnado em 6 mezes de prisão.

O rapaz, que em tempo roubou a secção—*Barbosa de Magalhães*—do Asylo-escola districtal, e o sr. Chaves, da rua do Gravito, foi tambem condemnado com dura pena.

Feira da Palhaça.—Fez-se no dia 29 este costumado mercado mensal, que teve pouco movimento, concorrendo ainda assim bastantes porcos cevados, bois e generos alimenticios.

Trabalho de pesca.—Tem havido n'estes ultimos dias trabalho no mar, nas costas em que ha trabalho ainda, mas sem resultado. Parece que a pesca se affastou de novo, pois que as redes sáem do mar completamente lavadas.

Baleotes.—Affirmam os pescadores, que andam na nossa costa 2 baleotes, tendo sido avistados defronte da Costa Nova, mas muito ao mar!

Caça do mar.—Tem apparecido nos mercados proximos alguma caça do mar, que os temporaes trazem á borda e as vagas atiram sobre a praia.

Despachos judiciaes.—Foram transferidos, a seu pedido, os juizes da Relação de Lisboa, srs. Henrique Pinto e João Cunha Seixas, para a Relação do Porto; e da Relação dos Açores, srs. Tertuliano Cyriaco Alves Araujo e Bento Joze Pinto da Motta, para a Relação de Lisboa; promovendo a juizes de 1.ª instancia para a Relação dos Açores os juizes de direito de Beja e de Torres Vedras, srs. Cezar Augusto Mendes Almeida e Augusto Cezar da Silva Mattos.

Theatro d'Agueda.—Vae já crescida a subscripção aberta em Agueda, para a edificação d'um theatro alli. Aberta ainda ha pouco, e sem grande esforço, está já n'uma verba importante. E' de crer, por conseguinte, que na proxima primavera se dê principio aos trabalhos de construcção, visto que local apropriado para elle não falta alli.

A ladroangem na Covilhã.—E' muito para lamentar o que d'alli nos dizem. Nas proximidades da cidade assaltam-se casas á mão armada e para roubar assassina-se sem respeito pela edade. A segurança publica alli é pouca, e as auctoridades dormem sobre o caso o somno do justo.

Tentativa d'assassinato.—Ante-hontem pelas tres horas da madrugada, o exposto Claudino dos Santos, tentou assassinar com quatorze facadas, o menor Antonio da Costa, no logar de S. Bartholomeu, concelho da Lourinhã. O assassino, depois de perpetrar o crime, deitou fogo ao palheiro onde estava o ferido, com a intenção d'encobrir o delicto que commettera e para que perecessem no incendio seus paes adoptivos a quem pertencia o palheiro e habitação contigua. O criminoso, que já foi julgado cinco vezes por differentes delictos, confessou o crime, logo que o prenderam.

As previsões de Noherlesoom.—A primeira quinzena de dezembro, é tambem primeira de inverno metereologico, e não desmerecerá dos caracteristicos que ordinariamente correspondem a esta estação que se inaugura. No seu boletim diz o conceituado astronomo: os quatro primeiros dias serão de tempo normal e um de chuva; depois até 14 tempo muito variavel, grandes chuvas e temporaes. Haverá muito frio de 7 a 9, que redobrará de 11 a 13. As chuvas de 1.° do mez serão geraes, produzidas por uma invasão atmospherica que terá a sua base no Atlantico e terminará no dia 5. Os dias 5 e 6 serão os mais bonitos em toda a peninsula. O man tempo voltará no dia 7 por causa d'uma depressão que se organisará nas alturas da Madeira e Canarias. Desde 11 a 13 haverá muitas chuvas e muita neve com vento entre sudoeste e noroeste.

BURLA ELEITORAL

São do *Conimbricense*, de 2, as verdades que se encerram no seguinte artigo:

«Agita-se a politica e diz-se que brevemente teremos novas eleições. Venha de lá mais essa série de vergonhas e de torpezas.

Um dos principaes e mais nobres direitos dos cidadãos livres seria o do exercicio consciencioso e independente do acto eleitoral. Em theoria é isto assim; mas na pratica as eleições tem-se transformado na mais escandalosa e cynica burla.

Eleição quer dizer *escolha;* e como é que o povo faz a *escolha* dos seus chamados representantes? E' ir lançar na urna um papel que lhe entregam, sem que muitas vezes saiba o que elle contém. Mas não é só isso. Em muitas localidades tem chegado a não haver o acto eleitoral, fazendo-se actas falsas; e egualmente actas falsas se tem feito para substituir o nome do eleito por outro em quem não tinha recahido a eleição, escarnecendo-se assim da lei e da moral.

Por exemplo:

Quando em tempo o circulo de Coimbra abrangia desde Penella e Penacova até Mira, a auctoridade superior do districto mandava que as actas em Mira apenas se fizessem, quando alli chegasse a participação de quantos votos careciam os candidatos ministeriaes. Assim se praticou em 1858 e mais vezes.

Outro exemplo:

Quando em outubro do anno passado estava feita no circulo de Penacova a eleição para deputado, foi á ultima hora substituido nas actas o nome do eleito, por outro cidadão que não tinha tido voto algum.

As fraudes principiam nos recenseamentos, que não poucas vezes são feitos conforme convém aos individuos preponderantes na politica. Se a eleição é muito disputada em qualquer circulo, os eleitores são victimas das mais revoltantes vinganças. Devendo dinheiro a um dos galopins eleitoraes, são forçados a acceitar as listas que lhes impõem, quando não tem de pagar logo o que devem. Acontece, porém, que os eleitores tem dependencias de outros galopins ou mandões contrarios; e são por isso ameaçados por estes de serem despedidos das casas em que habitam, ou de lhes augmentarem a renda; assim como de lhes tirarem as terras que trazem de renda e das quaes vivem, mais as suas familias.

Por esta forma, quer votem n'uma lista, quer votem na lista contraria, a vingança é infallivelmente exercida sobre elles.

Se um pae tem um filho dependente do recrutamento militar, é instado para votar a favor de uma das parcialidades, na certeza de que terá ou não o filho livre, conforme votar na eleição. No caso de satisfazer a essa imposição verá o filho isento do recrutamento, ainda que não tenha defeito algum legal; e pelo contrario, o seu filho será recrutado, quer tenha, ou não, isenção justa. E' escolher.

As eleições são a origem das mais indignas negociatas. Como das escolas superiores sáe cada anno um enxame de alumnos com os estudos concluidos, os paes d'elles, vendo que não acham empregos em que os collocar, tratam de se imporem aos governos, para conseguirem a almejada collocação.

A questão é simples.

Anicham-lhes os governos os filhos? Muito bem. N'esse caso põe á disposição da auctoridade a sua influencia eleitoral e de toda a sua parentella. Não lhes satisfazem as exigencias? Então podem os governos contar com a mais crua guerra.

Por occasião das eleições todos os interesses estão em almoeda. Os favores fazem-se, ou deixam-se de fazer, conforme se prestam ou não os eleitores áquillo que d'elles se exige. Abafam-se crimes, ou se fazem desenterrar os processos; consentem-se abusos, ou se nega deferimento ás pretensões mais legaes. Tudo se promette por occasião das eleições, ainda os favores mais escandalosos. E note-se que isto não é só praticado por um dos partidos. Com pequena differença todos fazem o mesmo. Chega a haver a semcerimonia de combinarem os agentes, ou pretendentes eleitoraes, que numero de votos deve ter na urna cada um dos candidatos oppostos. E faz-se esta combinação antes do acto eleitoral e de ser consultado o povo. E' uma indecente comedia.

Compare-se tudo isto com a boa fé e sinceridade dos eleitores nas primeiras eleições de deputados em dezembro de 1820. Os povos escolheram livre e conscienciosamente os cidadãos mais honestos e illustrados. E posteriormente o que se tem visto? E' a maior das vergonhas.

Como cidadãos livres deviamos folgar que com frequencia fosse consultado o voto popular; mas na presença das torpezas enormes que se praticam em todas as eleições, torna-se uma immoralidade esse acto.

As eleições estão sendo uma calamidade publica e uma escola de todos os vicios. Só servem para cada vez se preverter mais o povo. Os governos exercem toda a qualidade de corrupção e despotismo para conseguirem a victoria no acto eleitoral; e as opposições praticam tambem os escandalos que podem, e quando sobem ao poder fazem o mesmo que tinham feito os seus adversarios. A questão é de preponderancia e anichamentos, e nada mais. Tem sido numerosos e frisantes os exemplos. D'esta descrença não temos nós a culpa. Tem-na aquelles que levaram o rebaixamento do systema liberal a esta decadencia. As eleições estão sendo uma descarada impostura, um elemento da mais abjecta devassidão e das mais crueis vinganças.

A isto reduziram o mais elevado direito do cidadão n'um paiz livre!

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

PROCESSO URBINO

A SENTENÇA

Damos em seguida, na integra, a sentença proferida contra o dr. Urbino de Freitas. E' assim concebida:

«Vistos estes autos, etc.

Pelo ministerio publico é accusado o réu Vicente Urbino de Freitas, casado, de 44 annos de idade, professor e medico, natural d'esta cidade, como author do crime de envenenamento perpetrado no menor Mario Guilherme Augusto Sampaio, n'esta cidade, e de que veio a fallecer na tarde de 2 de abril de 1890.

O jury deu por provado o crime de que é accusado e, portanto, está elle incurso na penalidade do artigo 353.º do Codigo Penal, que diz: «Aquelle que commetter o crime de envenenamento será punido com a pena de prisão maior cellular por 8 annos seguida de degredo por 20 annos com prisão no logar do degredo até 2 annos ou sem ella conforme parecer ao juiz, ou em alternativa, com a pena fixa de degredo por 28 annos, com prisão no logar do degredo por 8 a 10 annos.»

E attendendo a que o jury deu por provadas as circumstancias aggravantes da premeditação, de manifesta superioridade sobre a victima em razão da idade; de ser parente affin da mesma victima em 3.º grau por direito civil, e da insistencia em consummar o crime depois de mallogrados os primeiros esforços e, bem assim, a circumstancia attenuante do bom comportamento anterior do réu:

«Condemno o mesmo réu Vicente Urbino de Freitas na pena de prisão maior cellular por 8 annos seguida de degredo por 20 annos sem prisão no logar do degredo, attendendo ao tempo de prisão preventiva já soffrida, ou em alternativa na pena de degredo por 28 annos com prisão no logar do degredo por 8 annos, sendo, em qualquer dos casos, o degredo em possessão de 1.ª classe.

Mais o condemno nas custas e sellos do processo.

Porto, 1 de dezembro de 1893.—*Ernesto Kopke da Fonseca e Gouveia.*»

APPELLAÇÃO

Consta que a defeza do réu vai appellar para o Tribunal da Relação, por nullidades no processo. As appellações crimes são hoje reguladas pelas disposições do Codigo do Processo Civil, na conformidade do disposto no artigo 26.º do decreto de 15 de setembro de 1892, que é assim concebido:

«As appellações crimes e os recursos de revista crimes, serão processados como os aggravos de petição em materia civil e subirão sem ficar traslado.» O artigo 994.º do Codigo do Processo Civil marca o praso de 10 dias para a interposição de appellações.

NA CADEIA

Logo em seguida á leitura da sentença, o dr. Urbino de Freitas foi conduzido, com as costumadas precauções, para as cadeias da Relação, recolhendo-se ao seu quarto, na *Malta Velha*. De manhã, ás 9 horas, levaram-lhe o almoço de casa, comendo-o elle na cama. A's 10 horas chegou a esposa, cuja physionomia, profundamente abatida, revelava bem a dôr que a torturava intimamente. Conseguiu logo authorisação para vêr o marido. Este levantou se n'essa occasião, conservando-se a esposa em sua companhia até ás 2 horas da tarde. Depois da sahida da esposa, o dr. Urbino andou a passeiar no corredor que dá ingresso aos quartos da *Malta Velha*, o que é permittido aos individuos alli encarcerados. Apresenta o costumado aspecto. Ao fim da tarde levaram-lhe o jantar e, logo ao principio da noute, deitou-se. Durante o dia não fallou com nenhum dos empregados das cadeias ácerca do que se passára no tribunal.

NOTA

Pouco antes do jury se apresentar na sala da audiencia com o seu *veredictum*, o accusado disse a alguem, que esteve fallando com elle, que não lhe passava pela ideia sequer que a decisão do jury lhe podésse ser contraria.

*

Segundo nos informam, diz o *Commercio do Porto*, de 3, a defeza do dr. Urbino de Freitas, já resolveu definitivamente apellar, para o tribunal da Relação, da sentença condemnatoria. Parece, porém, que o respectivo termo só será lavrado no cartorio do escrivão do processo, sr. Manuel Cardoso, no dia em que termina o praso para a appellação e que é na proxima quarta-feira. Depois de lavrado o termo de interposição de appellação, a defeza tem oito dias para apresentar a sua minuta, fundamentando a mesma appellação. O delegado do ministerio publico, sr. dr. Pestana da Silva, tem de apresentar, dentro do mesmo praso, a sua allegação por escripto.

Em conformidade com as disposições da Novissima Reforma Judiciaria, o delegado do ministerio publico, tambem tem de appellar da sentença. No caso da sentença ser confirmada nas instancias superiores, o processo não voltará á 1.ª instancia, na qual apenas ficará uma certidão do mesmo, contendo os quesitos, a sentença, etc.

Já está concluso o processo, para a appellação, tendo o activo escrivão sr. Manuel Cardoso, lavrado já as actas das nove audiencias que se realisaram, apesar de serem muito extensas e formarem, por si, um grosso volume. O processo, que se acha dividido em 11 volumes e tem 2:700 folhas, ou 5:400 paginas, já foi hontem para o respectivo contador, afim d'este apurar o *quantum* das custas e sêllos que o réu tem de pagar, devendo essa importancia ficar depositada na Caixa Geral de Depositos, sem o que não poderá subir a appellação ao tribunal da Relação. Essas custas e sêllos, sóbem a alguns contos de réis. Só até ao 6.º volume, em que o processo já foi contado, monta a importancia das custas e sêllos a 3:631$761, isto além das custas e sêllos já pagos pelo finado José Antonio de Sampaio, que foi parte no processo e com as quaes o réu tambem tem de entrar. Na quantia de 3:631$761 acima citada, tambem entra a importancia das analyses.

Deve subir ámanhã, segunda-feira, ao tribunal da Relação, e ser distribuido na sessão de terça-feira, o aggravo interposto pela defeza no dia 21 do mez findo, contra o despacho do juiz, sr. dr. Ernesto Kopke, que não mandou suspender o processo em vista da defeza ter opposto a excepção de incompetencia á pauta dos jurados, na parte em que é constituida por jurados da comarca de Paredes, visto essa comarca não ser a mais proxima da do Porto, (ao que sustenta a mesma defeza), como determina a lei. A defeza do dr. Urbino, não apresentou minuta sustentando aggravo, limitando-se a instruil-o com certidões da audiencia do dia 20 do corrente, em que foi dado o despacho aggravado, e da procuração dada pelo dr. Urbino, aos seus defensores. O juiz, sr. dr. Ernesto Kopke, sustentou da seguinte fórma, no aggravo, o seu despacho:

«Senhor—Ainda estou convencido, de que não fiz aggravo ao aggravante com o despacho de que recorre, e, por isso, sustento o mesmo despacho. A questão que se ventilla no presente aggravo, é de sua natureza tão simples, mórmente não tendo o aggravante acrescentando cousa alguma ao que disse em audiencia, que me abstenho eu tambem de acrescentar qualquer consideração.

V. M., pelo douto e illustrado tribunal a quem incumbe a decisão, resolverá com toda a proficiencia.—Porto, 1 de dezembro de 1893.—*Ernesto Kopke da Fonseca e Gouvêa*».

— A defeza do dr. Urbino, desistiu dos seguintes aggravos, apresentados durante o julgamento: Contra o despacho que mandou tomar em separado do processo o aggravo por ter sido julgada improcedente a excepção de incompetencia contra o juiz, sr. dr. Ernesto Kopke; contra o despacho que julgou improcedente a opposição da defeza feita ao jurado sr. João Carlos de Almeida Machado, e que o mandou admittir como jurado e não como testemunha de defeza; contra o despacho que admittiu a contradicta requerida pelo delegado sr. dr. Pestana da Silva á testemunha Eduardo Luiz Carneiro Homem; idem, idem, idem, á testemunha de defeza, José Romão; e, finalmente, contra o despacho que desattendeu a opposição da defeza e que deferiu o requerimento do referido sr. delegado, para ser ouvida, na audiencia, a sr.ª D. Maria Carolina Basto Sampaio.

Depois de ámanhã irá com vista ao juiz sr. dr. Ernesto Kopke o aggravo da defeza, apresentado no julgamento, contra o despacho que não admittiu os artigos de suspeição contra o mesmo sr. juiz. A defeza ainda não apresentou minuta, sustentando o aggravo, e o sr. juiz deve, no referido dia, fundamentar o seu despacho.

— Hontem de manhã correu com grande insistencia, não só em toda a cidade, mas ainda nos seus suburbios, que fallecera repentinamente a esposa do dr. Urbino. O boato não tinha o minimo fundamento. Aquella senhora esteve, cerca das 11 horas da manhã, em casa do procurador do marido, indo em seguida vêr este ás cadeias da Relação, onde se conservou até ás 2 horas da tarde.

— Dando noticias do julgamento do dr. Urbino de Freitas foram transmittidos d'esta cidade para Lisboa e outras localidades do paiz e do estrangeiro 381 telegrammas com 93:345 palavras escriptas em 1:866 impressos; levou a sua transmissão, feita de ordinario por duas linhas montadas com apparelhos de systema Hughes, 18 horas. O computo das lettras eleva-se a 560:070, tendo, portanto, a roda impressora do apparelho que contém os caracteres typographicos dado 877:153 voltas. A totalidade das palavras transmittidas pelo apparelho Hughes occuparam 1:555 metros de fita de papel, que pesou 840 grammas.

Se os telegrammas fossem transmittidos pelo apparelho Morse seriam precisos 6:233 metros de fita, que pesariam 33 kilg.; e se se funccionasse de ordinario por duas linhas, duraria a sua trasmissão 62 horas.

Com as 93:345 palavras compôr-se-hiam tres numeros de quatro paginas do *Commercio do Porto*. A demora que houve na transmissão de cada telegramma, fazendo a média de 250 palavras a cada um, foi de 14 minutos, o que demonstra que, apesar do serviço ser verdadeiramente extraordinario, o pessoal telegraphico desempenhou-o com a maior rapidez, pelo que é digno de louvor.

CARTA

DO EMINENTISSIMO SENHOR CARDIAL PATRIARCHA AO EX.mo E REV.mo ARCEBISPO D'EVORA.

Ex.mo e Rev.mo Sr. D. Augusto, Arcebispo Metropolitano d'Evora.—A lucta cruel e desleal, levantada ha pouco contra V. Ex.ª Reverendissima, na propria sede Metropolitana d'Evora, punge-me de certo o coração de todo o Episcopado portuguez, não menos que o de todos os bons catholicos d'este reino, que, louvado Deus, os conta ainda em grande maioria por todas as dioceses. E se, como V. Ex.ª observa em sua excellente Pastoral, de 7 de novembro corrente, não preponderasse na lucta revolucionaria contra o Prelado o elemento alienigena, Evora, de recordações tão gloriosas para a fé e piedade teria então offerecido ao mundo catholico (e não só a este reino) o mais vergonhoso desmentido.

Sim, Ex.mo Sr., a noticia dos acontecimentos occorridos em Evora, para vergonha nossa, soou já bem longe.

Que se dirá d'aquella nossa fé tão alevantada e grande, que fez dos portuguezes um povo d'heroes, que assombrou o mundo todo com seus illustres feitos!! Que se dirá de nós agora na catholica Hespanha, em França, na Italia, em todo o orbe catholico, onde quer que haja um povo christão, ao qual chegue esta deploravel noticia: — Na Metropole d'Evora revolucionou-se uma parte da cidade contra o seu Pastor, porque elle procurou agremiar na casa de Deus os meninos, para lhes ensinar os rudimentos da doutrina christã!!! Oh Santo Deus! Isto n'um reino cujas virtudes lhe grangearam o titulo de *fidelissimo*, é de esconder o rosto entre mãos, e deixar correr as lagrimas! E houve auctoridade n'aquella cidade, poderão dizer lá fóra até os protestantes, que não acudisse promptamente em defeza da Religião do Estado, e não procurasse logo restabelecer a ordem? Isto, e muito mais poderiam dizer para confusão nossa, se, como alguem notou, houve aqui um Judas da nossa classe, que bem seria fosse apontado com o dedo, para vergonha d'elle e não fazer corar de pejo os seus collegas. Bem haja V. Ex.ª, que, penetrado da sua alta missão, se houve em sua Pastoral á altura da sua dignidade, na suavidade e firmeza com que ahi se dirige a todos os seus subditos, insistindo pela catechese e procurando generalisal a mais e mais em sua Archidiocese, como bom Pastor, pois que a necessidade da instrucção religiosa dos povos foi sempre em todas as nossas conferencias episcopaes o *ponto capital*, que mais prende a nossa attenção, e que mais recommendado foi pelo Santo Padre, na sua Encyclica aos Bispos de Portugal.

Bem haja V. Ex.ª, que com a sua Carta Pastoral metteu animo a todos os seus collegas, para procederem com egual coragem, em o mais importante de todos os deveres pastoraes, e alentados assim os parochos, nossos caros cooperadores, conseguimos restabelecer n'este bom povo portuguez a doutrina de Jesus Christo, tão obliterada em todas as classes, salvando a grei, que a cada um de nós foi confiada.

Adherindo, pois, com todas as forças da minha alma a tudo o que na mesma Pastoral se contém, e felicitando V. Ex.ª, por tão honroso documento, eu me associo n esta demonstração de meus sentimentos a todos os Prelados do reino, ao clero do seu Arcebispado, e a todos os bons catholicos, que para consolação do Illustre Prelado oborense, e em testemunho de muita dedicação, lhe teem dirigido os mais significativos protestos d'adhesão, fidelidade, e amor.

Fazendo votos ao Todo Poderoso para que V. Ex.ª tenha um governo mais prospero, sou com a mais subida consideração e estima.

De V. Ex.ª Rev.ma

Cellega e Irmão muito dedicado,

Lisboa 23 de novembro de 1893.

José, Cardeal Patriarcha.

A FALPERRA

«A Falperra! a Falperra!» Seismava eu, porque divisavamos umas alturas por entre os olmeiros do campo de S. João, encaminhando-nos para a ponte do Déste, ao sair de Braga, caminho de Guimarães. As encostas que se iam elevando em frente de nós eram para mim um d'esses sitios dos quaes o viajante não se aproxima sem que lhe bata mais rapido o coração; porque as narrativas de vagas tradições, ou de factos positivos, ligados á ideia d'esses logares, nos deixaram no espirito vestigios profundos e duradourouros. A Falperra, é, como as gargantas penhascosas do Alfaval, ao descer pelas quebradas orientaes da serra d'Ossa, para as margens pittorescas do Odgebe, ou como os antigos pinhaes da Azambuja, de que só restam memorias, um logar de romagem para os pios crentes das lendas de salteadores. Acercando-me da Falperra, da realidade, a minha Falperra ideal, alevanta-se-me no espirito como gigante desforme; como um Nemrod de granito, caçador infatigavel de viandantes, rociando de continuo os duros membros com o sangue das victimas acalentando-se com os gemidos dos moribundos, amando ouvir nos recessos das suas cavernas o tinir do ouro e os debates vehementes sobre o repartir das prezas. Era uma Falperra sombria, carrancuda, grandiosa a que eu possuia, e que dentro de pouco ia afferir pela real. E por isso scismava ao transpor a ponte do Déste, e o coração me pulava com desusada energia.

Leitor, possam os dias da tua vida estar assignalados no livro do destino com tinta menos negra do que os meus! Possa a tua sina não ser como a minha, a dos grandes desapontamentos! A breve distancia das margens do Déste os pés dos nossos cavallos começaram a galgar as primeiras ondulações do terreno. Os raios do sol nascente, resvalando pelos cimos dos outeiros, iam desenhando em relevo os accidentes do solo, as sinuosidades das encostas, até ahi indecisas no crepusculo matutino, com o duro contraste das massas de luz e de sombras. A estrada que seguiamos, pulverulenta e malgradada, trepava em voltas pelo chão ladeirento, deixando á direita um de esses valles pittorescos e amenos, que o Entre-Douro e Minho atira aos pés dos viajantes com a desperdiçada profusão de morgado opulento. Ao cabo d'essa curta subida um dos nossos companheiros, parou apontando para uma leve depressão do terreno para onde a estrada vergava colleando depois por uma ladeira não muito ingreme. Essa depressão, que prolonga, gradualmente mais profunda, até o valle, era a primeira estação da via-sacra de terrores tradicionaes que tinhamos de percorrer. Debalde, porém, quiz possuir-me do sentimento que a tradicção exigia de mim. Era preciso esforço sobrehumano para ter medo de aquelle valle pacifico e ridente onde por entre o arvoredo se viam aqui e acolá alvejar os casebres dos pobres e honestos cultivadores, ao passo que o ruido confuso da população de Braga, até ahi silenciosa, vinha já murmurejar bem distincta em nossos ouvidos d'elvolta com a toada dos sinos, que na santimonial metropole estrepitam de sol a sol. Repugna-me accreditar as scenas de expoliação e até de sangue passadas n'aquelle logar e que com imperturbavel seriedade nos referia o nosso companheiro. Não comprehendia como os crimes das solidões e só das solidões podiam vir aninhar-se á beira das cidades. As ideias baralhavam-se-me. E comtudo, cumpria ceder á evidencia. Não houve uma voz que deixasse de confirmar a veracidade do narrador.

Mas é singular!—dizia eu — O brado de afflicção das victimas, creio que soaria até debaixo das abobadas da velha cathedral. Como se tolerava isto? Que faziam os habitantes de Braga? Levantando os olhos ao céu com um meneio sublime de compunecção, o nosso companheiro, braguez e clerigo, respondeu mellifluamente: *Rezavam!*

A resposta era peremptoria. Caleime, e continuamos a subir por um chão calvo, coberto de detrictos da chistos. Pelas encostas até a cumiada dos montes que iamos costeando só se descortinavam leves ondulações, e a côr pardacenta e uniforme do solo dava a essas eminencias, sem uma fraga, sem uma aresta, sem um precipicio toleravel, o aspecto da mais sublime trivialidade. Debalde alongava os olhos pela senda tortuosa onde os pés dos homens e as torrentes do inverno tinham produzido em miniatura todos os accidentes e anfractuosidades, que á natureza esquecera gravar na modesta cordilheira de cabeços que deixavamos á esquerda. Nada mais via do que a refracção dos raios ardentes do sol batendo no chão esbranquiçado, e os rolos de pó que se alevantam debaixo dos pés dos cavallos. A pouco e pouco o trilho de cabras que seguiamos, e cuja alcunha d'estrada altamente calumniosa nós acceitáramos sem discussão, começou a serpear para o viso dos outeiros. Considerava aquellas collinas schistosas como os contra-fortes da montanha, e esperava poder em breve saudar da assombrada as aflorações graniticas, as agulhas dos cerros, as mattas de carvalhos e medronheiros curvadas sobre as portellas ao cabo das valleiras sombrias. Revocava involuntariamente ao espirito a imagem das descidas solemnemente do Trivim para a Lousã, e concentrava-me para aspirar de novo os attrahentes terrores com que havia um anno me embriagara esse immenso arcobotante das serranias da Estrella. Enlevado n'aquella imagem nem a calma crescente uem a pocira ennovelada que nos suffocava me impedia de apertar o passo ao cavallo para quanto antes chegar ao aviso da eminencia. E cheguei. Se os novelleiros e dramaturgos não houvessem feito um consummo horroroso de maldições teria n'aquelle momento exclamado: maldicção! Conteve-me o pudor masculino, pudor que nos ensisina a evitar o ridiculo. Alem do viso descobria-se um vasto horisonte. Aos pés ficavam-me as vertentes orientaes da cordilheira, um pouco mais anfractuosas do que as que subiramos. Lá em baixo via-se um valle coberto de milharaes e retalhado pelos renques de castanheiros e choupos enredados de videiras. Iamos descer da Falperra. Não havia outra. Cumpria-me resignar-me. Em vão quizera luctar com a verdade innexoravel dos factos. Ai! Ao descer os recostos das collinas a alma dera-me em terra. O meu ideal, o meu sonho tinha inteiramente passado!

A Falperra é um solecismo de artigo de fundo e uma mentira de orçamento; é a negação do *constet sibi* de Horacio: é Othelo de barrete branco junto á chaminé da *Vitella de Ouro* na rua de S. João em Braga: é Frederico o grande a puxar o boi bento na procissão de Corpus de S. Victouro: é um boletim de Nicolau, o papa-tsar; é o governo representativo com a centralisação administrativa: é tudo quanto lha mais falso, mais absurdo, mais estupidamente impossivel. Quando se tem o tremendo nome de Falperra, tem-se deveres graves que cumprir. Que és tu, Falperra, da realidade, com os teus outeirinhos mal distinctos como a effigie de moeda safada, com o teu manto de schistos quebrados, com a tua abstenção absoluta de agulhas graniticas, de fogos escuros, de precepicios aprumados, de mattos sombrios, de algares tortuosos; que és tu, senão a prolação atravez dos seculos do monte de cacos velhos que se accumula á porta de uma olaria?

No meio do desalento misturado de indignação que em mim gerára o transpor aquellas alturas, veiu consolar-me um sentimento de vingança satisfeita. Dormem alguns soldados n'um corpo de guarda no cimo da supposta serra e á beira da estrada, em quanto duas patrulhas passeiam lentamente nos dous pendores oppostos. A Falperra das tradições, dos terrores dantescos não existe, e essa indecente Falperra, acevo de cousas ineptas como a actual lei dos foraes, equiparam-na á pacifica e humilde rua de povoado; dobraram-lhe a cerviz sob os pés de poucos soldados. E foi justiça, justiça plena. Oh montanhas da Beira, oh serranias do alto Vouga e do aldo Moudego, se a tanto se atrevem, que vão plantar as tendas de guerra no topo das vossas fragas; que patrulhem por cima dos vossos pincaros e á borda das vossas valleiras; que façam de vós, se podem, a prosa chata e villã das ruas de qualquer cidade. O que é certo é que, passado o primeiro impeto de despeito por ter achado em logar da Falperra a sua caricatura, o espirito vae-se involuntariamente enbrenhado em cogitações severas e tristes. N'esta cousa inqualificavel, que se dizia accumulada ás portas de Braga por uma legião de escaravelhos paleontoligicos, roubava-se e assassinavam-se ha poucos annos. E' um facto historico que a tradição conserva, e de que ainda porventura existem sobradas testemunhas e victimas. Mas o que póde isso provar a favor da supposta montanha? Nada, absolutamente nada. O que prova é a decadencia nacional; prova que vem de longe as corrupções d'este seculo, e que até o salteador estava já de ha muito desmoralisado. Corromperam uma classe nobre poetica, os infanções modernos, os Goesto-Anzures da futura aristocracia encostando-os aos bofetes administrativos, encaixilhando-os na casinha fiscal, aninhando-os nos antros judiciaes. Depois, quando os regios desagradados do absolutismo, ou as revoluções

---

13

FOLHETIM

HENRIQUE PEREZ ESCRICH E FRANCISCO DE P. ENTRAAL

MAGDALENA

PROLOGO

NA TERRA E NO MAR

XIV

DE PORTA EM PORTA

Instaurara-se em poucos dias o processo; mas Magdalena, não podendo resistir por mais tempo a tão encontradas commoções e a pezares tão intensos, adoecera gravemente. Parecia haver-se-lhe transtornado inteiramente a rasão. A febre não a abandonava um só instante, e o seu espirito envolvera-se n'uma especie de marasmo que a tornava muda e insensivel. N'este estado foi conduzida ao hospital e como carecesse de papeis que identeficassem a sua pessoa, e os medicos não podessem arrancar-lhe os segredos da sua vida, apenas trataram de prestar-lhe os soccorros necessarios.

N'este periodo, que foi longo, realisaram-se os acontecimentos que narramos, desde o encontro do pequenino Anselmo até á transferencia do padre Samuel. Magdalena, tendo saído do hospital e sendo recolhida por um bom sacerdote que residia em São Faliú de Llobregat, pensou em dirigir-se a Marmontel para obter auxilio e perguntar-lhe por seu filho. Resolvida a isto, mas faltando-lhe coragem para a execução, disse ao sacerdote:

— O senhor cura já sabe a minha vida; portanto, peço-lhe que escrava a João Marmontel, fallando-lhe de mim e solicitando a sua protecção para a viuva do primeiro capitão do *Poderoso*.

O digno padre escreveu a Marmontel cuja morte ignorava, porque a ainda não existia *La Correspondencia*, que vinte annos depois devia de ser o grande livro onde se consignassem as desgraças e fraquezas de todos os mortaes, e esperou com impaciencia a resposta. A' volta do correio recebeu uma sentida e delicada carta de Moran; mas como elle tinha empenho em occultor o salvamento de Paulo, para que ninguem lhe reclamasse uma fortuna, que julgava sua, Magdalena soube que Marmontel morrera só e pobre, que o *Poderoso* naufragára effectivamente muitos mezes antes, e que só o capitão e alguns marinheiros se tinham escapado do naufragio, não apparecendo o menino nem o cão de que o sr. cura fallava.

A infeliz mãe chorou ainda mais sentida a morte de seu filho; desejosa porem de conhecer por si propria toda a desgreça que lhe estava reservada, tratou de transportar-se á patria de Anselmo onde tão amarguradas horas a esperavam.

Chegou o dia da partida. Magdalena acceitou os escassos recursos que lhe offereceu o cura de São Feliú de Llobregat, saiu d'esta povoação umas vezes a cavallo, outras em diligencia, chegou finalmente ao ponto desejado, decorridos alguns dias. A sua chegada coincidiu precisamente com a morte de João, o servo mais leal de Marmontel; ora como o padre Samuel occultára a toda a gente, excepto áquelle, ao medico, a Moran e a John Strey, o salvamento providencial do pequenino Anselmo, succedeu que por mais perguntas que Magdalena dirigiu aos transeuntes, e por mais que contou as suas desventuras, não conseguiu averiguar o que desejava. De todo sem esperança, podendo apenas contar com o seu trabalho até que a morte a levasse para seu filho e para seu esposo, deixou a cidade, em companhia de um recoveiro de Cheste, o qual, compadecido das desgraças da infeliz, promettera arranjar-lhe commodo em uma casa, ainda que não fôsse senão como criada. Magdalena resignou-se a tudo. Foi na companhia do almocreve, e no mesmo dia entrou na povoação para onde se encaminhava.

Segundo as noticias que lhe dera o recoveiro, a senhora de Monzoa, para cuja casa ia, era uma d'essas mulheres que levam os preceitos religiosos até ao fanatismo, e que fazem do lar domestico um verdadeiro santuario. De tres criadas que tivera durante a sua vida, e deve notar-se que já contava oitenta annos, e uma fôra despedida por se esquecer um dia de tomar na egreja agua benta, outra por cantar uma *malagueña* em quinta feira santa, e a ultima por se demorar cinco minutos a matar uma galinha, cujas convulsões fizeram desmaiar a senhora. Quanto ao mais, era exagerada na limpeza, pontual nas horas da comida, amante da caridade e dos pobres, intransigente em pontos amorosos com referencia a suas criadas e escrupulosa até ao extremo. As obrigações de Magdalena, se por ventura entrasse ao seu serviço, requeriam certa intelligencia e tacto que não podia possuir uma mulher qualquer. Devia levar a senhora pelo braço até á egreja, collocar-lhe alli a cadeira de tesoura, dar-lhe a mão quando quizesse ajoelhar, porque a proeminencia do abdomen lhe impedia pratical-o por si só, levar-lhe o chapeu de chuva se era inverno, e a sombrinha se estava sol, dar-lhe agua benta diariamente, levantal-a e vestil-a em todo o anno, servir-lhe a comida ás horas competentes, ler-lhe o *Anno Christão* todas as tardes e resar á noite. Tudo isto era recompensado com um vestido de respeitavel antiguidade, e com dois duros mensaes.

Sabendo que a primeira virtude da mulher é o trabalho, Magdalena annuiu a tudo, e no mesmo dia entrou ao serviço da senhora Monzoa.

Durante os tres primeiros annos cumpriu religiosamente os seus deveres; e foi tal a sua humildade e talento, que a boa senhora concedeu-lhe sincera amisade, a ponto de dar-lhe logar á sua mesa, mandal-a dormir em uma cama mais proxima da sua, e prometter-lhe lembrar-se d'ella no testamento. Magdalena cuidava de sua ama, amimava-a, parecia advinhar-lhe os pensamentos; e uma vez que a pobre senhora caiu enferma, esteve sempre junto do leito, sem dormir nem despir-se, até vêl-a completamente restabelecida. A enfermidade durou tres mezes.

Nas horas de descanço, que eram poucas, lia muito, aperfeiçoava-se no escrever, relembrava tudo quanto aprendera com sua mãe, e relevava ao escrivão, unica pessoa que frequentava a casa da senhora de Monzoa, o seu desejo de chegar a ser mestra de meninas. Magdalena tinha, alem d'isto, costumes tão louvaveis, maximas tão puras e inclinações tão nobres, que toda a aldeia a respeitava e lhe queria. Tinha o sustento certo, cumpria o seu dever, o que é ineffavel consolação para toda a alma piedosa, e ainda lhe restavam horas para chorar em silencio, rogar a Deus pela alma de seu esposo, pensar em seu filho, e escrever algumas cartas a Simão. Certamente interceptavam esta correspondencia, porque o pobre preso nunca lhe respondia. Assim decorreram cinco annos. Magdalena chegára a amar a senhora de Monzoa com amor de filha, e esperava merecer sempre o seu amparo e amisade! Uma manhã, dirigindo-se com o riso nos labios ao leito de sua ama, encontrou-a adormecida com o rosto unido á almofada; esperou que despertasse, mas soaram nove horas, e continuava dormindo, o que era extraordinario n'uma senhora que se erguia ás seis da manhan, Magdalena aproximou-se mais do leito, caminhando cautelosamente nas pontas dos pés, tomou-lhe uma das mãos que pendia por entre os lençóes, e ao sentir-lhe a frialdade comprehendeu que a piedosa senhora estava morta.

Os sobrinhos da finada, que viam Magdalena com manifesto desagrado, por a julgarem senhora absoluta da vontade da tia e herdeira talvez da sua fortuna, invadiram a casa pouco depois, choraram muito, demonstraram por varios modos a sua magua, e quando viram que a parente havia fallecido *ab intestato*, agarraram Magdalena pelo braço, arrancaram-a do quarto da ancian, ante cujo leito estava ajoelhada, e, coisa incrivel por infame! espancaram-a, arrastaram-a, dirigindo-lhe injuriosos epithetos, e lançaram-a na rua, revistando-lhe primeiro o báhú e os bolsos, para que nada podesse levar comsigo.

Isto produziu um escandalo, e as mesmas pessoas que antes elogiavam a virtude de Magdalena, calumniavam-na agora. O escrivão foi o unico que desejou amparal-a; mas a pobre viuva preferiu ausentar-se logo d'aquella terra. Effectivamente, no mesmo dia saiu da povoação, só, a pé, sem mais esperança que a de poder chorar o seu desamparo, sem mais protecção que a de Deus. Era a 19 de maio de 184... O ceo estava formoso, o sol brilhava em metade da sua carreira, e as arvores, verdes e frondosas, enchiam de sombra e de verdura as orlas do caminho. Magdalena atravessou as ruas e começou a caminhar na direcção de Chiva, aldeia distante quasi duas leguas da que ella abandonava. Andou mais de meia hora. Ao passar por diante de uns juncos que sombriavam poeticamente uma encosta, cuidou ouvir um gemido.

Parou. O gemido tornou a soar mais claro e distincto. Subiu, afastou os juncos com a mão e viu um rapazinho de uns dez annos deitado na relva. Inclinou-se para elle, voltou-o, tocou-lhe na fronte, e notou que ardia em febre. A creança, sentindo-se acariciada, abriu os olhos, olhou sem perturbar-se para Magdalena, e tornou a deitar-se na relva.

— Que tens, meu filho?— perguntou Magdalena.

O rapazito ergueu-se um pouco sobre o braço, respirou com essa oppressão e fadiga proprias de febre, e perguntou depois de olhar para todos os lados.

— Onde estou eu?

— A uma legua de Cheste.

— Ai!— continuou a creança,— sahi d'alli esta manhã, doia-me muito a cabeça, mas andei puanto pude para chegar a Chiva em pouco tempo, porque receiava adoecer. Ai! bem o dizia eu a meu pae, bem lh'o dizia.

— E que dizias tu a teu pae?

— Que não me mandasse a Cheste, porque me doíam todos os ossos do corpo; meu pae insistiu, ordenou-me que voltasse em seguida a Chiva, que é a nossa terra, e eu fiz o possivel para lhe obedecer; mas ao chegar aqui não pude mais, senti muito frio e muito cansaço, deitei-me por um pouco e... que doente que estou, senhora!

— Vamos, não te afflijas,—disse Magdalena — eu tambem vou para lá, e quero chegar antes da noite; estamos perto.

— Como hei de eu ir, se não posso andar?

A filha de Rogel ficou um momento pensativa; depois enxugou duas lagrimas, deu as mãos ao rapazinho para ajudal-o a levantar-se, e disse-lhe:

— Vem, ninguem nos vê; segura-te aos meus hombros, e levar-te-hei até ás immediações da aldeia; alli dirigir-te-has a tua casa e dirás que estás doente, mas não falles em mim.

O pequeno obedeceu, e Magdalena continuou a sua interrompida jornada. Alguns arrieiros viram-a, mas nem um só lhe offereceu auxilio.

Ao anoitecer entrou em Chiva, quebrada de fadiga; despediu-se da creança, dando-lhe um beijo, e dirigiu-se para a estalagem.

liberaes e o patriotismo, esfaimado dos partidos victoriosos os submeteram de novo aos influxos do seu primitivo destino elles levaram para a vida anti-social e poetica os vicios tacanhos da sociedade e da prosa. Envileceram-se, desnaturaram-se. E' a unica explicação sensata da existencia de salteadores na Falperra. Quem te diria, illustre Schiller,que no momento em que no teu immortal *Die Rauber* revelavas ao mundo attonito o sublime, o ideal, o quasi divino do viver mysterioso do salteador, havia homens, que, semelhantes ás mulheres de Babylonia, se prostituiam desvalijande passageiros sobre esta serra de presepe sem se envergonharem de ouvirem ao longe, trazido nas lufadas do vento, do ruido importuno dos cem sinos discordes de Braga, em vez do ribombo da procella accumulada sobre as agulhas dos cerros, o estrepito do *Zé Pereira*, pio invento da santinonia bracharense para afugentar da Jerusalem minhota os pedreiros-livres e o diabo? Quem te diria, oh Schiller, que no teu proprio tempo se pássavam taes cousas n'um ponto do globo, que, ao menos geographicamente, pertence á civilisação e á Europa? Se não se explicar pela decadencia e desmoralisação do paiz esta grande indecencia montanistica, a historia da Falperra ficará sendo uma oração sem verbo, um syllogismo sem maior; um homem d'estado com probidade politica, um *oidium Tuckeri*, uma camara de deputados com senso commum, um d'aquelles phenomenos em summa, que ultrapassando a nossa comprehensão, desmentem a mais elevada sciencia e diante dos quaes o entendimento humano se humilha no seu nada, murmurando *só Deus é grande*! E as paginas d'essa historia falperrina escreveram-se á vista do Bom Jesus do Monte, do Golgotha das artes plasticas, aonde se alevantam as tres cruzes da architectura, da esculptura e da pintura; sitio rodeado do terror que geram atrozes e dilatados supplicios, onde, no seio de uma natureza ridente, no meio das bellas e puras obras da creação, a mão impia do homem escreve ha cem annos na pedra, no pau, no barro e na tela insolitas blasphemias contra a poesia das artes, que, como a poesia da palavra, é santa porque vem do Senhor; onde o Christo, arrastado de novo ao Calvario, se acha convertido em actor de uma nunca vista dança macabra de mau gosto e de ignorancia. Foi, sim, a par d'essa Gethsemani de todo o artista, de todo o poeta que alli sóbe, e cujo coração verte sangue ante o espectaculo de tantos sacrilegios, que a Falperra teve a pretensão estulta e caricata de ser a Selva Negra, a Calabria, ou a Serra-Morena da nossa terra?

Non ut placidis coeant immitia, nonut Serpentes avibus geminentur.

Nunca na minha vida senti tentação tão forte de commetter uma illegalidade e uma violencia. Por tres vezes esteve a sair-me da boca uma ordem ao arrieiro para me metter na mala a Falperra. Levala ia comigo para Lisboa, e receberia cada vez que para ella volvesse os olhos uma lição salutar contra os impetos da vaidade. Dirme-ia a cada momento a Falperra o que são e o que valem as reputações em Portugal.

. . . . . .

Guimarães, 11 de agosto de 1854.

Alexandre Herculano.

CARTA DE VAGOS

4 DE DEZEMBRO DE 1893.

Realisou-se hontem a eleição da misericordia d'esta villa. Era disputada pelo nosso amigo sr. João Maia, e seu primo sr. José Paes. Desconfiando-se qualquer desordem, foi requerida uma força de policia d'essa cidade, que se conservou durante o acto eleitoral no largo da misericordia. Não foi porém necessaria, porque a eleição correu sempre socegadamente.

Entraram na urna 63 listas, sendo 31 progressistas, e 32 regeneradoras. Venceram, pois, estes por um voto, o que foi divido á leviandade d'alguem, e á traição de outros,que tantos favores devem ao partido progressista, e em especical ao nosso amigo, sr. João Maia, e a um outro cavalheiro, cujo nome não nos convem escrevel-o.

No proximo n.º fallaremos mais minuciosamente d'essa eleição e apresentaremos aos nossos leitores os nomes d'esses ingratos que, á ultima hora, fogem covardemente para não serem desagradaveis aos rogos e supplicas d'alguem. Y.

NOTICIAS DIVERSAS

Julgamento.—E' do nosso collega d'Oliveira d'Azemeis, de 2. a seguinte noticia:

«Começou hontem e terminou hoje o julgamento do padre Manuel da Silva Tavares, parocho encommendado da freguezia d'Ul, d'este concelho. O reu havia apresentado artigos de suspeição contra o integerrimo juiz proprietario d'esta comarca; mas desistiu d'essa chicana, que não lhe fôra aconselhada pelo seu advogado. Na audiencia de julgamento, o reu negou os factos, que lhe eram imputados, mas declarou que, com relação aos crimes de injuria de que era accusado, estava prompto a dar todas as satisfações aos queixosos a quem não quiz injuriar. Os queixosos não aceitaram as satisfações. A discussão seguiu seus termos, sendo os depoimentos escriptos, e contradictadas algumas testemunhas. Por parte da accusação ficaram provados os crimes de ameaça e de porte de arma prohibida, com que o reu se apresentara na assembléa de Loureiro, e bem assim os crimes de diffamação praticados na assembléa eleitoral contra os queixosos. As testemunhas de defeza iam enredando a causa, mas com seus depoimentos de cada vez mais compromettiam o reu; pelo que o advogado d'este prescindiu de todas as restantes testemunhas inquirindo apenas duas acerca do bom comportamento anterior do reu. Entre as testemunhas da defeza estava o celebre Cunha Leitão, que practicou os roubos e fraudes na eleição de S. João da Madeira, por que se acha pronunciado, e os roubos e falsificações da eleição camararia em Loureiro, por que pende em juizo processo criminal. O depoimento d'esta testemunha era esperado com viva anciedade pelo publico, que assistiu ao julgamento. O juiz proferiu sentença, julgando provada a accusação com relação a todos os crimes, e condemnou o reu, tendo em attenção a satisfação dada por este aos queixosos, em 60 dias de multa a 500 reis por dia, nas custas e sellos do processo. D'esta sentença appelou sómente o ministerio publico.

Serviço do correio. — E' da *Soberania do Povo*, de 30, a seguinte noticia:

«Como aqui dissemos, foram arrematadas no domingo, a conducção das mallas do correio, entre esta villa e a estação de Oliveira do Bairro, pelo preço de 1650 réis, sendo tres carreiras de ida e volta, em carro de quatro rodas. Fizeram-se mais as seguintes arrematações: Entre esta villa e Macieira d'Alcoba, passando por Adosterreiros, (10 legoas de serra) ida e volta, por 240 réis. — De Agueda á Castanheira, passando por Assequins, ida e volta, (4 leguas de serra) por 90 réis. —D'Agueda a Agadão passando por Bellazaima, ida e volta, (8 leguas de serra), 150 réis.» Quasi de graça.

O commercio dos vinhos em Vianna.— E' d'um collega n'osso,d'alli,a seguinte noticia:

Continúa resentindo-se a pouca procura dos nossos vinhos, limitando-se as vendas para o consumo local. Este facto explica-se. como já aqui temos repetido, pela elevação dos preços em que este genero está no nosso mercado. Nos Arcos, em Ponte do Lima e principalmente em Monsão ha um desanimo enorme pela ausencia quasi completa de compradores que nos annos passados vinham alli fazer as suas transações para enviarem os vinhos para o Brazil e outros paizes. D'um nosso collega d'esta localidade transcrevemos o seguinte, para o que chamamos toda a attenção dos interessados:

«Póde, quasi, dizer-se que está completamente paralysado o commercio de vinhos n'este concelho, sendo certo que não é o contrabando o causante mas sim a elevação de preços. Os nossos lavradores quanto mais lhe offerecem mais exigem, seguem esta norma,e depois queixam-se do seu genero não ter procura. A não ser algumas poucas pipas que tem sahido ultimamente, o commercio do vinho paralysou e segundo nos consta já se tem toldado muito do ultimamente colhido. Mas nem assim os nossos lavradores tomam lição do que veem succeder aos outros. O que se tem dado n'este concelho tambem tem acontecido nos concelhos dos Arcos, Ponte do Lima, etc. A que attribuir esta fermentação anormal n'esta epoca?

Evidentemente á deficiencia da maturação das uvas, pela falta das folhas que o *mildiw* fez cahir prematuramente e ao tempo excessivamente quente que fez no mez d'outubro. E certo que os vinhos que se tem toldado são os dos pequenos lavradores,que descuram a limpeza e as operações do fabrico do vinho; no entanto o symptoma deve sobresaltar os vinicultores, pois que não costumam resistir aos primeiros calores do verão é de esperar que n'essa epoca não resistiam outros que d'antes se aguentavam. E a razão é, como acima dizemos, por dificiencia ou falta de maturação das uvas. Ora se os nossos lavradores teimam em não reduzir os preços do vinho da ultima colheita,arriscam-se a muito, e melhor é vendel-os mais baratos do que expôrem-se a ter de os inutilisar. A'quelles, porém, que não precisam de vender já, aconselhamos a que limpem os vinhos das borras o mais breve possivel e os beneficiem com alguma aguardente de vinho, para ver se d'esta forma poderão resistir aos calores do verão, aliás o prejuizo será completo».

Isto é grave e portanto é de uma necessidade impreterivel que o nosso lavrador e proprietario cuide de dar mais extracção aos seus vinhos, para não termos a registar uma crise bem lamentavel. Procure-se attrahir os compradores, collocando-se os preços dos vinhos um pouco mais baixos do que estão.

Vinho hespanhol. — Continuam chegando a Lisboa grandes partidas de cascos com vinhos procedentes de Alicante, e outros pontos de Hespanha, para embarcar aqui em vapores para o Brazil. Dissémos já, diz o *Diario de Noticias*, a enorme porção de pipas e barris d'aquella procedencia, e nacionaes, que o *Corisca* levou d'aqui psra Pernambuco, Rio, Bahia e Ssntos. Outros vapores estão carregando no Tejo com igual destino.

Não percebemos bem a razão porque os nossos vizinhos escolhem o nosso porto para embarque dos seus vinhos. Estimamos que continuem; o que é preciso, porém, é que haja todo o cuidado em que não sejam alteradas as marcas e que se não consinta que se lhe ponham disticos que de alguma forma possam, no porto do destino, estabelecer confusão entre vinhos hespanhoes e portuguezes. E vem a proposito dizer que a alfandega de Lisboa tem já providenciado a este respeito e evitado abusos por parte de alguns exportadores de vinhos da nação visinha.

Tambem nos consta que foram já examinados e aprovados pelo fisco dois armazens particulares destinados a alfandegar vinhos de procedencia hespanhola; e que se esperam importantes carregamentos de cascos com esse genero.

Os vinhos hespanhoes no Brazil.— Publicamos em seguida, diz o *Commercio do Porto*, na integra a circular que a commissão do commercio de vinhos, nomeada na reunião realisada ultimamente no palacio da Bolsa, acaba de dirigir ás casas consignatarias estabelecidas no Brazil, relativamente á introducção n'aquelle paiz de vinhos hespanhoes como se fossem portuguezes.

A circular é a seguinte.

«Ill.mo snr.— O commercio de exportação de vinhos de Portugal para os mercados dos Estados-Unidos do Brazil, e conseguintemente a producção e agricultura vinhateira portugueza, acabam de defrontar-se com um novo inimigo que traiçoeiramente intenta damnificar o antigo e fundado bom nome dos vinhos que Portugal exporta para a America. Cumpria, portanto, entrar na lucta sem perda de tempo, e fazer todos os esforços por inutilisar desde o começo essa nova e insólita tentativa ousada por uma especulação desleal e concorrencia injustificavel. V. s.ª comprehende de certo que nos referimos ao facto de se querer exportar para o Brazil, e introduzir ahi, vinhos hespanhoes com o titulo simulado de portuguezes, ou fazendo-os entrar em Portugal para os remetter de algum porto do paiz, disfarçando e illudindo assim a procedencia verdadeira dos productos, ou ainda fazendo-os sahir pelos portos hespanhoes, mas em cascos e vasilhas, e até com rotulos e marcas imitativas dos vinhos portuguezes, a de, a coberto de taes artificios, poderem ser enganados os consummidores americanos, com grave detrimento da verdade, dos legitimos interesses do commercio e da agricultura portugueza, e mesmo das solemnes estipulações internacionaes destinadas á protecção da propriedade industrial.O commercio de vinhos d'esta praça do Porto, justamente sobresaltado com o facto, reuniu se no dia 17 do corrente a convite da Associação Commercial d'esta cidade; e entre outras resoluções alli tomadas assentou-se em que, por intermedio da commissão abaixo assignada, se dirigissem seus calorosos agradecimentos a todas as respeitaveis firmas e casas consignatarias do Brazil que, tendo reelações commerciaes com Portugal em negocios de vinhos, declaravam mui espontanea e patrioticamente que não acceitariam quaespuer vinhos de procedencia estranha a Portugal, simulando por qualquer modo esta procedencia. A commissão vem, pois agradecer por este meio a v. s.ª o tão valioso e importante auxilio que generosamente presta ao commercio portuguez, e a seus mais sagrados e legitimos interesses, com a nobre resolução e declaração alludida, a qual representa um consideravei obice opposto á concorrencia desleal e é especulação pouco escrupulosa no uso dos seus meios. Sem duvida que o commercio de exportação de vinhos de Portugal não receia por modo algum a lucta da concorrencia leal, franca e legitima com os exportadores hespanhoes ou outros. As qualidades bem conhecidas dos vinhos portuguezes não temem o confronto com vinhos de outras procedencias. Porém, o que se repelle e condemna energicamente como abusivo e fraudulento, é que se pretenda fazer passar, aos olhos do consumidor illudido, vinhos não portuguezes por vinhos de Portugal.

Os abaixo assignados, contando, portanto, com o cavalheirismo e franca coadjuvação de v. s.ª, e de todos os portuguezes residentes n'esse grande paiz, atrevem-se a pedir-lhe que, tendo noticia da chegada a qualquer porto do Brazil de carregamentos de vinhos de Hespanha, se sirvam indagar em que vasilhas e com que marcas entram esses vinhos, bem como a fineza de participar a esta commissão o nome da embarcação, a data da chegada, e o nome dos carregadores, etc.; e, finalmente, que no caso de se constatar que ha tentativa de fraude quanto ao facto da procedencia dos vinhos, queiram participal-o ao consul portuguez para ser promovida a respectiva apprehensão e mais effeitos convenientes.

Agradecendo desde já a v. s.ª em nome do commercio que temos a honra de representar, um tão assignalado serviço perfeitamente em harmonia com os principios de justiça e de honradez que devem presidir ás transações mercantis, temos a honra de nos subscrever com toda a consideração e estima — De v. s.ª, mt.º att.os, ven.res e cr.os — A commissão: *J. H. Andresen Junior*, presidente da Associação Commercial do Porto; *Antonio Ferreira Menéres, Successores; José Pereira da Costa Junior & Irmãos; Manoel Duarte Guimarães Pestana da Silva*, director da Rerl Companhia Vinicola do Norte de Portugal; *J. W. Burmester*.— Porto, Associação Commercial, 22 de novembro de 1893.»

Investigações policiaes.—Sob a epigraphe que precede estas linhas, o *Conimbricense*, no seu ultimo n.º, dá-nos conta do seguinte facto :

«No dia 29 do mez findo foi denunciado ao chefe da 2.ª esquadra que na quinta do sr. Antonio Corrêa Lemos, ao Almegue, havia uma criada ou jornaleira que ha poucos dias tinha dado á luz uma creança e que a havia lançado a uns porcos que tratava, e que um individuo de nome Agostinho, criado ou trabalhador na mesma quinta, sabia dizer alguma cousa a tal respeito,porque fôra quem enterrou as secundinas. Em vista da denuncia tratou logo o mesmo chefe de averiguar, mandando chamar o referido Agostinho, que declarou ser Agostinho Gonçalves, e interrogando o ácerca do facto, disse ser criado do sr. Lemos desde o principio de Junho ultimo e que quando para alli foi logo ouviu dizer a differentes pessoas, que a jornaleira de nome Nazareth, andava em estado de gravidez, o que elle mesmo declarante desconfiava. Que no dia 23 do dito mez, andando a Nazareth diante d'uma junta de bois, quando lavravam se queixara d'estar incommodada, dizendo então uma outra jornaleira de nome Maria Moleira para o declarante, que eram as dôres de parto que a Nazareth tinha, pelo que esta deixou de trabalhar, recolhendo se á casa onde costuma dormir não sabendo elle declarante de mais nada n'esse dia. No dia 24 porém lhe constara por Maria Moleira e pelos trabalhadores Antonio Gonçalves e Joaquim Theodoro, que desde a casa onde dorme a referida Nazareth até ao cortelho dos porcos, havia um rasto de sangue, e que nesse mesmo dia vira elle que a Nazareth se abaixara proximo a uma oliveira e se agarrara á mesma, e como desconfiasse fôra mais tarde áquelle sitio e verificouse existirem alli uns vestigios que lhe pareceram serem effectivamente as secundinas, as quaes mandou enterrar. Em vista das declarações feitas pelo Agostinho,mandou o mesmo chefe deter e conduzir á esquadra a suspeita Nazareth, que declarou chamar-se Nazareth de Jesus, ter 30 annos e ser natural de Bendafé, concelho Condeixa. Interrogando-a ácerca do facto declarou ella, rindo-se, que ha 20 annos estava n'aquella quinta e que sempre teve a fama de andar gravida, e sendo certo o que o mundo lhe tem imposto, ainda o andava; e desviando o chaile quiz deixar ver o ventre volumoso. Instada, porém, fez ver que as suspeitas eram compromettedoras. Declarou que effectivamente adoecera no dia 23, mas que fôra com uma hemorrhagia de sangue que já ha muito lhe faltava e não um parto, como lhe queriam imputar.

A poder de mais instancias confessou então que effectivamente na noute de 23 para 24 dera á luz uma creança antes do tempo, que lhe parecia pertencer ao sexo feminino e que nasceu já morta, cujo feto enterrou n'uma vinha junto ao pateo da mesma quinta, fazendo a cova com a mão; porém observando-se-lhe que visse ella se tinha a certeza, respondeu que sim, mas que talvez já lá não estivesse por ser um sitio onde andavam cães, gatos e gallinhas, restando duvida que o feto fosse enterrado. Em vista d'esta confissão foi a detida enviada ao sr. commissario, mandando o mencionado chefe o guarda n.º 50 averiguar se no sitio indicado por ella apparecia ou não o feto enterrado ou vestigios de ter existido, dando o mesmo guarda parte de não ter encontrado nem uma nem outra cousa.

— Já depois de estar escripta esta noticia soubemos que a presa, sendo novamente instada na esquadra respectiva, ao mesmo tempo que repetiu que a creança fôra dada á luz, morta, ella presa a havia embrulhado n'uma saia, e a fôra lançar no cortelho a 5 porcos que alli existiam !

Um casamento auspicioso.—Sob esta epigraphe, o *Diario d'Elvas*, de 30. escreve o que vae ler-se. O facto deu-se em Castello de Vide no dia 29.

«Hoje, pelas 9 horas da manhã, teve logar na egreja de Santa Maria, d'esta pittoresca villa, o enlace matrimonial dos jovens Antonio Coelho, vulgo o *Pau preto*, e Angelica Rosal Fabião, contando o primeiro 70 *viçosas* primaveras e o segundo 73 *risonhos* invernos. A' cerimonia do casamento assistiram, além dos padrinhos, quasi toda a povoação que disputava, quasi a sôcco, qual podia tomar o primeiro logar para ver o auspicioso enlace. Depois de casados os dois pombinhos, receberam os parabens dos padrinhos e dos seus amigos mais intimos. Ao sahir da egreja é que foram ellas. O rapazio em massa victoriava os noivos dando vivas aos meninos; a gente grande distribuida em vez de confeitos e amendoas, castanhas, maçãs podres e ratos mortos, e a garotada alguma *pedrada* á mistura. Ao chegarem á casa os recem-casados, foram obsequiados por uma chocalhada de atordoar. A policia não poude evitar estas demonstrações de *rigosijo*, ao contrario dizem-nos que o policia Porto se ria como um abbade em domingo de Paschoa, em jantar de familia. Este policia tem d'estas coisas, quando se trata de descobrir um ladrão, é todo serviço, é todo zelo, é todo actividade, tudo para elle são *ordes*, mas quando se tratou d'esta manifestação, dizia aos rapazes—*juizinho, meninos, lá de pedras é que não vae nada*, e a rapaziada largou a pedra preferindo a castanha, a maçã e os ratinhos acabados de matar.

O movimento nas ruas foi enorme, uma procissão não junta maior numero de pessoas. E afinal os noivos são umas boas pessoas e verdadeiramente honestas. Coisas cá da parvalheira.

O conflicto hispano-marroquino.—Parece que os riffenos estão resolvidos a não hostilisar o exercito expedicionario hespanhol. Os trabalhos preliminares da construcção do forte de Aguariach realisaram-se sem que os mouros fizessem a menor opposição. Esta attitude dos riffenos demonstra que a questão de Melilla talvez se possa resolver sem mais effusão de sangue. Segundo affirma um correspondente, nas regiões officiaes ha esperanças de que o conflicto tome outro aspecto.

O general Martinez Campos pediu ao governo que lhe enviasse com toda a urgencia os utensilios e ferramentas necessarios para abrir trincheiras e levantar construcções onde possa alojar 1:000 homens que vai empregar na construcção do forte. Um outro correspondente affirma que têem causado boa impressão no publico as ultimas noticias vindas de Melilla.

Muley Araaf está muito descontente com a tribu de Benisicar, a unica que, pelas posições que occupa, não quer submetter-se ás ordens do sultão, sendo além d'isso a que menos tem soffrido com a guerra, por ter os seus aduares fóra do alcance dos canhões hespanhoes. Nos primeiros dias da sua chegada ao Riff, o irmão do sultão apenas se alimentava com tamaras; agora, porém, recebe de Melilla todas as provisões de bocca, como café e assucar.

O attentado de Barcelona e os anarchistas. —Communicam de Barcelona que dos anarchistas presos n'aquella cidade vão ser deportados 70 para a ilha de Fernando Pó, no golpho da Guiné, e não muito distante das nossas ilhas de S. Thomé e Principe. O cruzador *Navarra* é o navio indicado para os conduzir. Em Valladolid foi descoberta uma conspiração anarchista, ao passar-se revista a diversas casas de individuos conhecidos pelas suas ideias anarchistas. Em uma das casas revistadas encontraram-se documentos importantes, figurando entre elles duas listas. N'uma d'essas listas estão inscriptos os nomes de todos os anarchistas de Valladolid, e na outra acham-se relacionados todos os edificios que deviam ser destruidos pela dynamite. Por causa de um tal descobrimento, tem-se feito em Vlladolid numerosas prisões.

SECÇÃO LITTERARIA

SOMBRAS

PROSAS

DE

A. A. DE LIMA DUQUE

IV

TRINTA ANNOS

30 annos! Que largo panorama é este na téla da vida, quando ao desabrochar dos quinze annos já existia n'ella um começo de paisagem, animada pelos primeiros traços d'uma imagem mal definida ainda, mas já formosa e attrahente !?

Como é já fundo o sulco aberto no coração do poeta, sulco que separa as suas phantasias das suas desillusões, as chimeras dos desenganos, os sonhos côr de roza das visões da côr da noite.

Trinta annos! Que immensa planicie de illusões e de desejos, de gozos e de desgostos, separada pelo torvo Rio da mocidade que tem a sua foz no mar da idade adulta e ligada pela ponte reluzente da esperança seductora, onde as cheias dos invernos que nos vão embranquecendo cavam brécha dia a dia nos seus pilares de diamante!!

Que abysmo essa idade n'um poeta!... Como a vista se perde e se desvaira nos meandros das mil noites mal dormidas em busca d'um desejo fementido, ou fugacissimo repouso, e no immenso labyrintho de dias de prazer, mais ou menos apparente; semeado de dores e de agonias, de sustos e de receios, de raivas concentradas e amôres vertiginosos, de pállidas doenças e perigos imminentes!

E' todo esse quadro, matizado de côres oppostas, atravessado por mil vultos, odientos ou sympathicos, uns quasi apagados na memoria, outros nitidos e gravados em traços indeleveis!

D'esses vultos, (quantos já roubados pela morte!?), destacam-se então essas fórmas peregrinas de mulheres que nos trouxeram um raio de phantasia á noss'alma de visionarios e que semelham, sobre as pétalas myrradas dos nossos dias idos, as gôtas luminosas de rócio matutino que acaso crystalisassem sobre flôres emmurchecidas.

Trinta annos! Que horrôr e que panico terrivel não desperta em nós a sondagem perigosissima d'esses pélagos d'angustias e voragens de prazer, sobre os quaes voga á mercê do pensamento a barca solitaria da saudade, sacudida pelas vagas da memoria, onde transportâ-nos o thesouro bemdito das lagrimas choradas, exhauridas dia a dia pelo sôpro do scepticismo que forma as tempestades no ceu do coração e créstа a ultima corólla do nosso derradeiro sonho!!

Trinta annos!... Ha quasi dez que a minha lyra quebrou as cordas dos sostenidos e hoje só os bemóes das notas graves ainda desferem um rouco som, cançado e vacillante!

Que será o viver d'um velho, se dentro do seu seio pulsar um coração de môço e de poeta?!!

Ataúde sem cadaver, brenha de violetas, que amarga deve ser uma existencia assim, cuja louçania é semelhante á podridão e cujo perfume parece ser um miasma de caverna!

E, comtudo, atravez o musgo que repelle ha boninas douradas d'hydromel que jámais servirão de azylo ás brancas mariposas.

Como deve ser funebremente triste, lôbregamente melancholico e terrivel, esse ignorado descambar para o sepulchro que se vê perto, sem mão amiga que se aqueça ao tépido ambiente, que se occulta sob o gêlo d'esses outomnos prematuros!

Crudelissimo!!!

. . . . . .

O meus trinta annos feitos, como me fazeis mêlo do inverno dos quarenta se o coração não souber volver o fogo em que se abraza ás estrellas do firmamento, d'onde surgiu o doce *fiat* que lhe movem as pulsações?

Apenas ligado á terra pelo fio tenuissimo da purissima saudade e pela frágil vidraria das santas affeições, bem feliz serei,—ó Deus—, se tiver d'aportar um dia á arida bahia do cabo dos quarenta annos e levar sómente por equipagem os desenganos d'este mundo e por timoneiro da barca a fé na eternidade!

E se eu hei-de naufragar antes d'esse posto largo, que ao menos no crisol das ultimas illusões se não afogue a crença, entre os pállidos destroços da minha vida errada!!!...

(*Continua.*)

ANNUNCIOS

VENDE-SE

UM carro de 4 rodas, com tolde de verniz da Russia, com 4 logares dentro e dois fóra, com 2 cadeiras, uma atraz e outra adiante, construido ha pouco tempo na casa Latourette, do Porto. Quem o pretender póde dirigir-se a Antonio José de Freitas Guimarães, de Pardelhas, concelho de Estarreja.

CREADA DE DENTRO

Precisa-se de uma creada para todo o serviço de dentro,incluindo o tratamento de creanças. Prefere-se a que tiver melhores abonações.

N'esta redacção se diz.

644

lançado fogo aos generos que não podiam conduzir, perdendo tudo menos a sua independencia.

Quando Napoleão em 1812 invadiu a Russia á frente de 600 mil bons soldados, o Imperador Alexandre, esse principe excellente, esse homem delicado e cavalheiro, que tive a honra de conhecer, proclamou aos seus povos apresentando lhes o exemplo dos portuguezes. Elles obedeceram, abandonaram as suas casas, destruiram os seus generos, lançaram fogo ao Kremlin, Moscow ardeu, mas o Imperio Russo foi salvo, mas o prestigio de Napoleão desappareceu, mas a Europa foi resgatada; e ao exemplo dado pelos portuguezes se devem tão grandes feitos. Honra e gloria eterna á Nação Portugueza (*muitos apoiados*). E terei eu, sr. presidente, eu, que tenho a honra de pertencer a uma tal nação, terei eu mêdo do sapato castelhano? da alpargata aragoneza? ou do borzeguim trancez?! (*apoiados*). Não. Sr. presidente, mil vezes não. Una-se a familia portugueza como eu tanto desejo, moralizemos o povo, tenhamos uma boa organisação militar, e a nossa independencia não correrá o menor perigo (*estrepitosos apoiados*). —Não foi só o D. Par o sr. Rodrigo da Fonseca Magalhães que estabeleceu a differença entre medeação e intervenção, tambem eu a fiz desde o principio, mas a discordancia é grande a este respeito entre mim e o D. Par. S. ex.ª só queria medeação, e eu só queria intervenção. A medeação, elevava a junta rebelde ao nivel de soberana; a intervenção, dava á Soberana a força necessaria para reduzir á obediencia os seus subditos rebellados (*apoiados*). Não serei mais extenso a este respeito, porque outro D. Par que então estava no ministerio tratará a fundo d'esta questão.

Sr. presidente, acontecem ás vezes cousas que difficilmente se acreditam; d'esta ordem é a que vou expôr á camara: nunca puz as mãos, nunca lancei os olhos a esse livro chamada azul: porque não pude vencer a impressão que me causou o que me disseram relativamente aos horrores que n'elle se continham; mas esse livro foi causa que n'esta casa se fallasse no nome de um meu amigo, e não posso deixar de dizer alguma cousa a seu respeito: Lord Howard de Walden

645

residiu entre nós por mais de treze annos, e em muitas occasiões e em grandes crises o vi animado pelo mais vivo interesse, pela causa de Sua Magestade a Rainha, e das nossas liberdades; prestando-nos grandes serviços a risco de incorrer em graves compromettimentos: muitos casos poderia apresentar á camara que justificassem esta minha asserção.

O D. Par o sr. conde das Antas fez saber á camara que eu tinha combatido nas ruas de paris durante os tres dias da revolução de julho; é certo que combati, e permitta-me s. ex.ª que lhe diga que o fiz, como o faço sempre, e que entre outras cousas fui um dos primeiros a entrar no Hotel de Ville. E' aquelle sem duvida um dos mais celebres episodios da minha vida, em que me aconteceram cousas verdadeiramente extraordinarias, pelas minhas relações com o mais virtuoso de todos os homens que tenho conhecido, o general Lafaiette. Alguns portuguezes que existem ainda hoje em Lisboa indo em deputação áquelle general lhe ouviram dizer—tenho um unico filho, e não sei a quem amo mais, se a elle, se ao general Saldanha.—Para a camara fazer idéa da situação em que eu estava então Paris, direi que fui o unico individuo sem ser deputado que assistiu á discussão em que se decidiu a mudança de dynastia. Mas, sr. presidente, deixaria eu n'esses tres dias de combater pela liberdade da minha patria? Deixaria eu n'esses tres dias de combater pelo throno da minha Rainha? (*Muitos apoiados*). Sem a victoria que alcançamos n'aquelles tres dias teriamos acaso podido derribar o throno do usurpador? (*Muitos apoiados, e o sr. Marquez de Ponte de Lima* — De certo que não). Muito me honro por tanto da parte activa que tomei n'aquelles acontecimentos. Mas s. ex.ª o sr. conde das Antas disse que por essa causa eu não devia estranhar que s. ex.ª se tivesse posto á frente do ultimo movimento popular, julgando s. ex.ª causa mais forte e mais justificada para aquelle movimento o decreto da suspensão das garantias e a proclamação de 6 de outubro, de que foram as celebres ordenanças de Carlos X. (*O sr. conde das Antas*—Perdoe v. ex.ª, na proclamação não senhor, porque n'ella não via senão doutrina sagrada, e que eu desejava vêr seguida por todos os mi-

648

quella revolução tinha sido anti-nacional, escrevi ao ministro da guerra, dizendo que eu não prestava juramento á nova ordem de cousas, porque queria reservar-me a faculdade de a combater.

No mez seguinte chegou a Lisboa vindo de Madrid o sr. tenente coronel Barreiro, hoje o brigadeiro Barão da Luz, foi-me visitar a Penha Longa, e disse me quaes eram as disposições em que tinha achada alguns dos ministros, e outras pessoas influentes n'aquella situação. Immediatamente lhe disse que eu não curava de pessoas, mas das cousas, e que se se restabelecesse a Carta Constitucional qualquer que fosse o ministerio eu lhe daria o meu apoio.

Continuou o sr. Barão da Luiz a ser o intermedio entre mim, e aquelles senhores. E sendo vencido as difficuldades do sr. visconde de Sá que mais se oppunha, foi por recommendação do mesmo sr. visconde entender-se com o sr. Julio Gomes da Silva Sanches. Para não cançar a camara, só direi que para se concluir aquelle importantissimo negocio foi o sr. Antonio Aluizio Jervis d'Attouguia a Penha Longa convidar-me para ir a Oeiras ter uma conferencia com o sr. Marquez de Loulé, a fim de combinarmos o modo por que se havia levar a effeito o restabelecimento da Carta Constitucional.

Os srs. Passos Manuel, Antonio Cezar de Vasconcellos, Julio Gomes da Silva Sanches, assim como o sr. conde de Lumiares, além dos srs. Marquez de Loulé, e Sá da Bandeira que já mencionei, estavam todos de accôrdo a este respeito. (*O sr. visconde de Sá*—Confesso que me não recordo do que v. ex.ª allude a meu respeito). O sr. Barão da Luz está vivo, elle responderá pela exactidão do que acabo de referir; isto são cousas muito sérias, e eu tive o cuidado de antes de vir aqui, e já ha alguns dias, convidar o sr. Barão da Luz para verificar se eu conservava na memoria com exactidão quanto se havia passado a tal respeito, e elle repetiu-me exactamente o que acabo de dizer.

Para o retabelecimento puro e simples da Carta Constitucional exigiu-se que duas pessoas fizessem um sacrificio, o de renunciar ao Pariato. Esses senhores (um já não existe, o

641

que eu escrevi dizendo que talvez a providencia nos quizesse dar aquelle meio para unirmos a familia portugueza: que no coração dos portuguezes predominava sobre tudo o amor da independencia nacional (*apoiados*): que um manifesto de Sua Magestade chamando ás armas a todos os portuguezes a fim de tratarmos unicamente de defender a nossa independencia, e formando um ministerio de dois cartistas, dois setembristas e de dois realistas, seriam esses os meios com que poderiamos resistir á invasão que parecia imminente. S. ex.ª o D. Par Rodrigo da Fonseca Magalhães, que então era ministro dos negocios estrangeiros, horrorisou-se com aquella idéa, e levado da sua amizade para comigo escreveu-me que guardaria do ella o mais inviolavel segredo. E' depois d'aquella promessa guardada por sete annos que s. ex.ª vem publicá-la em pleno parlamento; e não posso portanto deixar de me persuadir que o tempo produziu o seu effeito, e que o D. Par approva hoje a minha idéa que então condemnava. Muito agradeço a s. ex.ª a revelação d'aquelle meu pensamento, do qual muito me honro, assim como do profundo sentimento portuguez d'onde elle emanou (*apoiados*). No partido chamado realista ha duas fracções bem distinctas, uma dos sectarios do principe proscripto, outra dos amigos da velha monarchia, mas que reconhecem como legitima a dynastia reinante. Era d'estes, com quem me honro de ter relações e amizade, que eu queria dois no ministerio (*apoiados*).

A coallisão que s. ex.ª tem elogiado compõe-se de dois elementos. Os realistas que foram para ella por ordem positiva que receberam do principe proscripto que lhes mandou por uma chamada carta regia, de que eu tive em meu poder cópia authentica, que obedecessem ao general Povoas. Do outro elemento nada direi, porque não foram os senhores que lhes pertencem que o trouxeram á discussão, e porque o meu fim não é exacerbar os animos. E agora poderá a camara avaliar se ha a minima paridade entre a minha proposta e a coallisão elogiada pelo D. Par.

Bella e persuasiva foi a parte do discurso do D. Par o sr. Rodrigo da Fonseca Magalhães quando provou as vanta

ARREMATAÇÃO

A Camara Municipal do concelho de Anadia, faz publico que, no dia 10 de dezembro, proximo futuro, na villa de Anadia e paços do concelho se hade proceder, pelas 10 horas da manhã, á arrematação de fornecimento de carnes verdes de boi, vacca ou vitella, para consumo dos habitantes do concelho, durante o proximo futuro anno de 1894. O fornecimento será adjudicado, se assim convier.

As condicções da arremação acham-se patentes na Secretaria da Camara, em todos os dias não sanctificados, das 8 horas da manhã ás 2 da tarde.

Anadia, 20 de Novembro de 1893.

O Presidente da Camara,
Barão do Cruzeiro.

TINTA PENINSULAR

Joaquim dos Santos e Silva, chefe dos trabalhos praticos do Laboratorio Chimico da Universidade de Coimbra, socio effectivo do Instituto de Coimbra e da Sociedade Chimica de Berlim, e socio honorario da Sociedade Pharmaceutica Lusitana; e Charles Lepierre, engenheiro pela Escola de Physica e Chimica Industrial de Paris, professor de Chimica na Escola Industrial de Coimbra e membro da Sociedade Chimica de Paris:

Declaramos que tendo examinado as *tintas de escrever, preta e de copiar*, da fabrica do sr. Alvaro Esteves Castanheira, de Coimbra, e tendo um de nós assistido á sua fabricação, achámos que ellas estão nas condições de poderem substituir as melhores marcas estrangeiras. E podemos accrescentar, que estas *tintas* não criam bolor, como acontece com muitas outras, o que é devido não só ao aceio na sua preparação, mas tambem aos processos inteiramente novos que introduzimos no modo de lhes conservar as suas qualidades primitivas sem prejudicar o resultado final, que consiste em fornecer ao publico um producto sempre da mesma composição e ao mesmo tempo hygienico. Com effeito, sabe-se que um grande numero de tintas estrangeiras são addicionadas de bichloreto de mercurio, antiseptico energico que conserva a tinta, mas que lhe dá propriedades nocivas, pois que este composto é um poderoso veneno, que póde occasionar graves accidentes, visto o costume que as crianças têm ordinariamente de levar a tinta aos labios Estes inconvenientes não podem ter logar com as tintas que examinámos.

Tambem assistimos na mesma fabrica á preparação do **lacre** de differentes côres, e pelos ensaios sobre a sua fusibilidade, a facilidade de combustão sem se tornar preto, etc., comparados com os productos de procedencia estrangeira, ficámos convencidos de que o **lacre** nacional da fabrica do sr. Alvaro E. Castanheira não é inferior em qualidade ao **lacre** estrangeiro.

Finalmente, o nosso exame ainda se estendeu ás *tintas de cores e de marcar roupa, gommas e collas liquidas*, que achámos serem de excellente qualidade, apresentando todas as garantias de perfeita conservação.

E por ser verdade passamos a presente declaração que assignamos. Coimbra, 6 de janeiro de 1893. — (a) *Joaquim dos Santos e Silva*—(a) *Charles Lepierre.* (Segue-se o reconhecimento).

INSTRUMENTOS DE ELETRICIDADE

COLLOCAM-SE campainhas electricas, botões de chamadas, quadro indicador de chamadas, portavozes, etc.

Observam-se e concertam-se, todos os instrumentos eletricos de qualquer systema, tanto em Aveiro como fóra d'esta cidade.

Dirigir carta a Antonio Maria Duarte, estação telegrapho-postal—AVEIRO.

ADVOGADO

DR. MANUEL FRANCISCO TEIXEIRA

Rua da Vera-Cruz
AVEIRO

EXTRACTO COMPOSTO DE SALSAPARRILHA DE AYER—Para purificar o sangue, limpar o corpo, e cura radical das escrophulas.

PEITORAL DE CEREJA DE AYER—O remedio mais seguro que ha para cura da tosse, bronchite, asthma e tuberculos pulmonares.

O REMEDIO DE AYER CONTRA SEZÕES—Febres intermitentes e biliosas

VIGOR DO CABELLO DE AYER—Impede que o cabello se torne branco e restaura ao cabello grisalho a sua vitalidade e formosura.

Todos os remedios que ficam indicados são altamente concentrados de maneira que sahem baratos, porque um vidro dura muito tempo.

PILULAS CATHARTICAS DE AYER.—O melhor purgativo suave e inteiramente vegetal.

———

PERFEITO DESINFECTANTE E PURIFICANTE DE JEYÉS, para desinfectar casas e latrinas, tambem é excellente para tirar gordura ou nodoas de roupa, limpar metaes e curar feridas.

Vende-se em todas as principaes pharmacias e drogarias. —Preço 240 réis.

———

ACIDO PHOSPHATO DE HORSFORD

Faz uma bebida deliciosa addicionando-lhe apenas agua e assucar; é um excellente substituto de limão e baratissimo, porque um frasco dura muito tempo. Tambem é muito util no tratamento de Indigestão, Nervoso, Dyspepsia e dôr de cabeça. Preço por frasco 700 réis, e por duzia tem abatimento.—Os representantes srs. JAMES CASSELS & C.ª, rua do Mousinho da Silveira,—Porto, dão as formulas aos srs. Facultativos que as requisitarem.

CONTRA O MILDIU E O OIDIUM

ENXOFRE ESTACIO

Instrucções e attestados gratis—C.ª portugueza HYGIENE—Praça de D. Pedro, 50, Lisboa

FABRICA DE PRODUCTOS CHIMICOS E PHARMACEUTICOS

RUA 24 DE JULHO, 382,—LISBOA

A. DA CUNHA & BASTOS

N'ESTA fabrica preparam-se já os seguintes artigos que vimos recommendar ao publico:

ALGODAO hydrophilo, borico, hemostatico, dito ao (frasco de 100 grammas), lo do formado, phenico salicilado, com sublimado, com thymol.—BRILLANTINE.—CARVAO vegetal lavado, pó, dito frasco de cap. de 250 grammas, dito vegetal granulado, dito frasco de 250 grammas.—CONFEITOS de aloes, brometo de camphora, chloreto de ferro, copahiba, cupahiba e cubebas, ergotino 0,1—lactato de ferro, sulphato de quinino 0,2—EMULSAO de oleo de figados de bacalhau com hyposphosphitos.—Grangêa de semen-contra.—Grãos de Saude, f. de Frank.—GRANULOS antimonio ferruginosos, arseniato de antimonio, arseniato de ferro, arseniato de soda, arseniato de strychinina, granulos strophantus.—YRRIGADOR d'Esmarck.—PILULAS Blaud, Blancard, Wallet, ditas de Wallet prateadas.—PASTILHAS comprimidas em frascos como as inglezas com tampa de metal, em caixas de 12 frascos; de antipyrina 0,25, de bi-carbonato de soda, de bi-carbonato e cocaina, de bi-carbonato e saccharina, de chlorato de potassa, de chlorato de potassa e borax, de carvão e iodol, de carvão e salol, de carvão e naphtal, de cascara sagrada: de coca, de coca e kola, de Guarand, de jalapa composta, de menthol, de sublimado corrosivo, de carvão (f. Belloc (caixa), de chocolate com santonina, de chocolate com santonina e calomelanos. RHUIBARBO granulado (f. Mentel). RHUM E QUINA em frascos do formato Roger e gallet, dito em caixa de 12 frascos. SINAPISMOS caixa de 10 e de 100. (Pode imprimir-se o nome do comprador sem augmento de preço conforme a quantidade).—SEDLITZ granulado kilo, dito em frascos de 250 grammas, formato Chanteaud. VELOUTINE branca ou rosa, caixas modelo Coudray.

Estes preparados recommendam-se pelos bons resultados obtidos, barateza e descontos.

Os annunciantes não tendo a menor duvida da qualidade d'elles, remettem amostras a quem as requisitar para a RUA 24 DE JULHO, 382, LISBOA.

BIBLIA SAGRADA-ILLUSTRADA

900 a 1:000 GRAVURAS

PROSPECTO E ESPECIMEN GRATIS

Assigatura 20 réis por fasciculo ou caderneta 180 réis (10 fasciculos)

ESTÁ CONCLUIDO O PRIMEIRO VOLUME

PARA INFORMAÇOES

BIBLIA SAGRADA-ILLUSTRADA
MOUSINHO DA SILVEIRA, 191, 1.º—PORTO
E NAS LIVRARIAS

GRANDE HOTEL VOUGA

EFFECTUOU-SE no dia 10 de setembro a abertura inaugural d'este magnifico hotel, sem contestação o primeiro da cidade, com explendidos commodos, admiraveis vistas para todos os pontos de Aveiro, e comidas de primeira qualidade, a preços reduzidos, em meza redonda ou separada.

O **Grande Hotel Vouga,** em todas estas condicções, excepcionaes, n'uma terra como esta, vem substituir o antigo *Hotel Aveirense*, em edificio proprio, desde o seu começo feito para um estabelecimento grandioso como este. Tem a todos os comboyos carro na estação do caminho de ferro da cidade, gratuito para os seus freguezes, garantia que nenhum outro offerece tanto aqui como lá fóra. Por todas estas razões, que são na verdade extraordinarias, o **Grande Hotel Vouga** deve ser de preferencia procurado por todos, e assim o espera o seu proprietario, que se não poupa a exforços para eleval-o á altura em que se encontra.

CASA AFRICANA

TRAVESSA DA VICTORIA, 33 A 37

CHEGARAM AS GRANDES NOVIDADES PARA A PRESENTE ESTAÇAO DE INVERNO

Lãs para vestidos, de grande novidade.
Cortes para vestidos, uma surpreza.
Boas do pennas com mais de 2 metros a 1$600.
Guarnições de pennas lindissimas desde 120!
Matelacez de seda largos, fortes, desde 1$000 até 6$000.
Velludos de seda pretos e côres desde 1$500,
Peluches de seda para confecções 4$500, 3$500 e 1$200.
Pannos francezes para casacos desde 1$000.
Visites modelos francezes 30$000, 25$000, 20$000, 15$000 e 9$000.
Grande sortimento de muitos outros artigos de grande novidade.

Sedas de Lyon

Em preto e todas as côres, por preços sem competencia, devido a condições especiaes exclusivo d'este estabelecimento por contracto com o proprio fabricante.

CASA AFRICANA

TRAVESSA DA VICTORIA 33 A 41,

UNICO DEPOSITO

DE

FUNDAS NACIONAES E ESTRANGEIRAS

DE

ANTONIO TEIXEIRA DA MOTTA

RUA DE D. PEDRO, 87

PORTO

GRANDE sortimento de todas as classes de **fundas** dos melhores systemas conhecidos, fazendo-se por medida para todas as roturas, cujas necessidades só assim pódem ficar garantidas. Tambem se fazem **fundas** para creanças, curando-se todas, sem ser por milagre, mas só com o uso das **fundas** d'esta casa e o competente exercicio physico. N'este estabelecimento encontra-se um grande sortimento de **cintos umbelicaes e mechanicos,** assim como **meias elasticas, suspensorios escrotais,** etc., etc.

No mesmo estabelecimento faz-se toda a qualidade **d'apparelhos orthopedicos** para todas as deformidades que aparecem no corpo humano e que seja compativel a sua applicação. O systema porque são executados estes **apparelhos e fundas** é bem conhecido dos **ex.mos medicos portuguezes** e de muitos estrangeiros, que os recommendam aos seus pacientes com a maxima confiança.

E como não ha de ser assim, pois que se a digna classe **medica portugueza** viu pela primeira vez fabricados em Portugal, **apparelhos e fundas** com perfeição, e satisfazendo aos que soffrem conforme as suas necessidades, devem-n'o unicamente só a mim, sendo o primeiro que ha 32 annos introduzi no paiz o ramo **orthopedista,** fazendo-o sempre acompanhar de todos os melhoramentos e descobertas que tenho feito á custa d'um aturado estudo, e segundo as necessidades que se tem apresentado. N'este ponto nada tenho que receiar, nem invejar dos estrangeiros.

Previno, por isso, os dignos **facultativos** e os meus numerosissimos freguezes para que não confundam o meu estabelecimento com outros de egual genero que ha na mesma rua e cujos proprietarios foram meus officiaes.

Antonio Teixeira da Motta.

PREGOS D'ARAME

GRANDES DESCONTOS
PARA REVENDER

ENVIA-SE TABELLAS A QUEM AS REQUISITAR

COMPANHIA VICTORIA
Rua das Janellas Verdes
LISBOA

CONTRA A TOSSE

Auctorisada pela Inspectoria Geral da Corte do Rio de Janeiro

XAROPE PEITORAL JAMES, unico legalmente auctorisado pelo Conselho de saude Publica, onsaiado e approvado nos hospitaes. Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na Pharmacia-Franco & Filhos, em Belem. Os frascos devem conter o retrato e firma do auctor, e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

Deposito em Aveiro—Pharmacia e Drogaria Medicinal de Ribeiro Junior.

Auctorisado pelo Tribunal do Contencioso technico na sessão de 27 de junho de 1893.

VINHA AMERICANA

JOSÉ CHARTERS D'AZEVEDO, de Leiria, vende raizados e bacellos de Riparias, Resperteis e Solonis, por preços rasoaveis.

FUNDIÇAO DO OURO

PORTO

A Fabrica de Fundição do Ouro, fundada em 1864 por Luiz Ferreira de Souza Cruz, seu actual director e gerente, *que foi premiada com as primeiras medalhas na exposição industrial portuense de 1861, sendo uma por distincção; com a medalha de prata na exposição agricola de Braga em 1863; com a medalha de honra na exposição agricola de Lisboa em 1864; com o diploma de merito na exposição Universal de Vienna d'Austria em 1873, e com a medalha de 3.ª classe da Associação Nacional, Agricola, Manufactureira e Commercial de Pariz em 1879*, acha-se hoje extraordinariamente augmentada com importantes machinas para auxilio dos seus trabalhos, e por isso muito habilitada para a construcção de machinas e caldeiras de vapor, tanto para terra como para mar, até á força de 200 cavallos, de qualquer dos systemas mais aperfeiçoados e uteis. Motores hydraulicos, machinas de destilação, prensas para azeite e para vinho, e toda e qualquer obra de ferro fundido ou batido, metal, cobre ou bronze.

Porto, 9 d'outubro de 1893.

TABOADA INTUITIVA

NOVO METHODO

RACIONAL E PRATICO

DE APRENDER A TABOADA

DE

Sommar, diminuir, multiplicar e dividir

POR

MARIO SUL

Preço (com instrucções)..... 50 réis.
Sem instrucções..... 30 réis.

A' venda em todas as livrarias e no deposito principal—*Typographia da «Beira Baixa»*, editora—FUNDÃO.

DIRECTOR TECHNICO—**E. ESTACIO**

COMPANHIA PORTUGUEZA HYGIENE

FABRICA A VAPOR DE PRODUCTOS CHIMICOS E PHARMACEUTICOS

CAMPO PEQUENO

ESCRIPTORIO PRAÇA DE D. PEDRO, 59, 1.º
PHARMACIA » » » » 60 a 63

Deposito—RUA DO PRINCIPE, 92 A 100

LISBOA

Esta companhia é a **unica** no paiz que fabrica em grande escala es por processos, machinas e apparelhos os mais modernos e aperfeiçoados, grande numero de *preparações e especialidades chimico-pharmaceuticas* em perfeição de acabamento egual ou superior ás simulares d'origem estrangeira, sendo porém as de seu fabrico *garantidas* pela companhia, nos seus componente, tanto em quantidades, como em qualidades e por preços *excessivamente menores.*

Além d'isso a companhia negoceia em todos os artigos que interessam ás classes de *medicina, cirurgia, pharmacia, e chimica*, taes como objectos de cautchouc, apparelhos de laboratorio, etc., sendo pela sua dupla qualidade de fabricante e commerciante em grande escala, a casa *fornecedora mais conveniente e completa de pharmacias, hospitaes, laboratorios chimicos, etc., etc.*

Fornecem-se catalogos e informações a quem as requisite

FILTRO CHAMBERLAND

SYSTEMA PASTEUR

O unico filtro industrial capaz de se oppôr efficazmente á transmissão das doenças pelas aguas destinadas á alimentação. Unico filtro adoptado mediante concurso para o serviço do exercito francez.

———(*)———

ACADEMIA DAS SCIENCIAS

PREMIO MONTLOION

SEIS MEDALHAS DE HONRA

EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE PARIS DE 1890

UNICA MEDALHA DE OURO

Concedida pela classe de hygiene, conforme consta do catalogo official das recompensas—Classe 64, pagina 4:794

Deposito especial para Portugal, Rua Nova do Almada, 79—Lisboa.

NOTA—Remettem-se catalogos illustrados com os diversos typos de filtros e preços dos mesmos a quem os requisitar.

CAMBISTA TESTA

78, RUA DO ARSENAL, 78

ESTA casa é a que offerece as melhores vantagens em todas as operações de cambio e loterias. Esta casa é a unica que vende os bilhetes da loteria portugueza a 5$000, meios bilhetes a 2$500 e decimos a 500 réis. Basta addicionar ao pedido o porte do correio e dirigir ao cambista José R. Testa.—LISBOA.

DIRECTOR E RESPONSAVEL—*M. I.*

Typographia Aveirense, Largo da Vera-Cruz.—Séde da administração Rua da Vera-Cruz, Aveiro.

gens da opposição legal, os inconvenientes da opposição armada. Tambem eu sigo aquella doutrina, ainda que caro me tem custado.

Em 1834 e 1835 tive a honra de pertencer á opposição da camara dos deputados. Opposição legal, conscienciosa e respeitavel. Appareceu porém o dia em que a pressa de chegar ao poder ganhou os animos, e um dos membros d'aquella opposição veio uma manhã a minha casa annunciar-me que tudo estava prompto para lançarmos pela força o ministerio abaixo, e que só faltava que eu me fosse pôr á testa do movimento. Perguntei-lhe se estavamos em Constantinopla para fazermos revoluções de serralho? Instou dizendo que pelos meios legaes nunca chegariamos ao poder, e que se eu não queria o movimento se faria sem mim. Assegurei-lhe que me encontrariam do outro lado com a espada na mão. — «Juro-lhe que acabou a sua carreira politica» — Me disse o mesmo deputado e sahiu. Foi esta a causa que me levou a acceitar n'aquelle anno a missão de Paris.

D'esde então aquelle ex-deputado tem-me feito uma guerra atroz, apresentando-me com sessenta, setenta, oitenta caras, que sei eu? De todo o coração lhe perdôo; e porque, sr. presidente? Porque sei que foi elle quem, mesmo a risco da sua popularidade, efficazmente coadjuvou o meu antigo amigo, o sr. Passos Manuel, na ardua, mas gloriosa tarefa, de evitar, em 1836, procedimentos que teriam deshonrado o partido a que pertenciam.

O D. Par o sr. Rodrigo da Fonseca Magalhães fez pouco favor á memoria de um dos nossos homens de estado, o conde da Barca, quando fallou do exercito portuguez antes da ida de el-rei D. João 6.º para o Brasil. O conde da Barca tinha dado uma boa organisação ao exercito, e o exercito estava bem vestido, bem equipado, subordinado, e disciplinado; mas esse exercito foi dissolvido por Junot, e os nossos dous melhores generaes, o Marquez de Alorna, e Gomes Freire, e muitos outros officiaes e soldados, receberam a gloriosa missão de ir fazer conhecido no norte da Europa o valor portuguez; o resto desappareceu. Uma sublevação popular expulsou os francezes em 1808. Reuniu-se logo um exercito que era uma quasi informe agglomeração de homens sem subordinação nem disciplina. Foi n'esta situação que o marechal Beresford tomou o commando do exercito portuguez. Este insigne general, o homem mais justiceiro que tenho conhecido, a quem Portugal deve tanto, a quem o exercito tanto deve, e eu mais do que nenhum outro individuo, teve a habilidade de causar no exercito uma tal metamorphose, que nessa batalha do Bussaco, a que o D. Par alludiu, e na qual eu tive a honra, de idade de dezenove annos, de commandar um batalhão, e de receber em consequencia uma medalha de honra do principe regente de Portugal, e outra do principe regente da Grã-Bretanha, depois Jorge 4.º; nessa memoravel batalha, aonde o Anjo da victoria, Massena, crestou pela primeira vez as suas azas, a conducta do exercito portuguez foi tal, que o marechal de França escreveu, que o general inglez, para o illudir, tinha feito vestir os soldados inglezes com as fardas portuguezas. O soldado portuguez é o typo da perfeição; á coragem fria e reflectida do soldado inglez, reune o enthusiasmo de que é susceptivel o soldado francez; juntando a estas qualidades a circumstancia e paciencia no soffrimento, sem que as maiores privações o levem jámais a faltar ao respeito devido aos seus superiores (*apoiados geraes e repetidos*); honra, pois, ao soldado portuguez (*muitos apoiados*). A posição do Bussaco flanqueada, veio o exercito occupar as linhas de Torres Vedras, aonde a Aguia franceza achou, pela primeira vez, uma barreira que a fez parar no seu voar glorioso—outro fatal acontecimento de Torres Vedras, mas que tambem, como o moderno, não foi fatal ao Soberano legitimo d'estes reinos, mas aos seus inimigos. Mas não foi só Lisboa que achou n'aquellas linhas a sua defeza, não foi só Londres, mas a Europa inteira (*apoiados*).

Do traz dessas linhas não havia só o exercito que as defendia, havia tambem refugiada a população de provincias inteiras, que ainda não desmoralisadas tinham obedecido á voz de seus chefes, que tinham abandonado as suas casas,

drosas escreveu-me pedindo instrucções. Respondi immediatamente, mas o apuro cresceu, e foi necessario tomar prompta resolução; o coronel Lapa assim o fez participando-me logo a resolução que havia tomado. Os portadores cruzaram se no caminho, e as resoluções tomadas pelo coronel Lapa foram a execução das ordens que elle ainda não tinha recebido. D'este facto verá a camara qual e a razão porque faço d'aquelle official um tão subido conceito.

S. ex.ª fez outra accusação grave, gravissima, atroz. Disse s. ex.ª que em quanto durou o armisticio, a linha do sul havia sido atacada. Sr. presidente, desdenho entrar em pormenores para repellir tal accusação, porque tenho o orgulho de estar convencido que a camara, o resto do exercito que alli se não achava, e a nação acharão a mais completa refutação d'aquella accusação, sabendo que era o marechal Saldanha, que era eu quem alli commandava (*estrepitosos apoiados*.

Só me resta fallar da revolta dos marechaes, e muito agradeço ao sr. conde do Bomfim o haver dado occasião para o fazer. Em julho de 1836 tive a honra de acompanhar Sua Magestade el-rei á provincia do Minho. Quando de volta chegavamos a Leiria, o meu parente, amigo e collega o duque da Terceira, que então era presidente do conselho, disse-me em alta voz, porque hiamos um pouco distante—Ganhamos as eleições—e eu respondi-lhe logo—Pois preparem-se para uma revolução — Poucas semanas depois a minha profecia estava cumprida. Sempre que uma revolução se verifica é difficil saber a quem pertence a honra, tantos são os que a reclamam. Não acontece porém assim na que teve lugar em 9 de setembro de 1836. Tal foi a sua natureza que ainda até hoje não ouvi que alguem reclamasse a honra de ser o seu author. O movimento teve lugar em Lisboa, não houve porém uma cidade, uma villa, uma aldêa que o seguisse, e só depois de se receber a ordem do poder executivo é que nas differentes terras do reino deixou a Carta Constitucional, de ser a lei fundamental do paiz.

Retirado de Lisboa inteiramente convencido de que a-

nistros). Pois bem, deixarei a proclamação, e direi em primeiro lugar, que s. ex.ª não podia duvidar da legalidade d'aquelle decreto, por isso que sabia que o usurpador já tinha sido acclamado em algumas terras do reino, e que guerrilhas corriam em seu nome. Segundo que tendo s. ex.ª appellado para os precedentes, tendo passado em revista os seus relevantes serviços á causa da Rainha e da Carta, para lançar de si o labéo de republicano. Aqui repetirei as palavras do um celebre orador hespanhol, o sr. Pacheco, que ha pouco foi presidente do conselho de ministros em Madrid na discussão da regencia durante a menoridade da senhora D. Isabel II, o qual principiou o seu discurso dizendo—Eu não sou republicano por duas razões, a primeira porque sou hespanhol, a segunda porque a Hespanha está na Europa.—Só loucos podem pensar em similhante fórma de governo no nosso paiz. Mas não seria s. ex.ª extremamente injusto esquecendo-se dos meus precedentes a favor da causa da liberdade? Não tocaria s. ex.ª a meta da mais acrisolada injustiça comparando me com Polignac? (*Apoiados*). E que fez s. ex.ª comparando Carlos X, o inimigo inveterado da liberdade da sua patria, á nossa excelsa Rainha, tão identificada com o codigo Sagrado que seu pai nos outorgou, tão decidida a manter a Carta Constitucional, como o mais extremo defensor das nossas liberdades?! (*Apoiados*). Sr. presidente, as ordenanças de Carlos X foram a causa da revolução de julho, a consequencia foi a queda de aquelle Monarcha, a expulsão da sua dynastia. O D. Par o sr. conde das Antas considerou o decreto da suspensão das garantias causa mais forte do que aquellas ordenanças, promoveu por elle uma revolução, qual seria a consequencia?... (*Apoiados—o sr. visconde de Laborim*—Muito bem—Muito bem).

S. ex.ª fez uma terrivel accusação ao coronel Lapa, Barão de Villa Nova de Ourem. Este official não precisa da minha voz para o defender. Elle o fará em outro lugar, e eu só direi que elle é um dos mais bellos ornamentos do exercito portuguez, de qualquer modo que se considere, e que se eu fosse Napoleão já o tinha feito tenente general. Tres vezes achando-se destacado a grandes distancias, e em crises melin-